

Da Mihi Animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

dma

2017
ANO LXIII - Trimestral
01

A profecia do contato



dma

**REVISTA DAS
FILHAS DE MARIA
AUXILIADORA**

NÚMERO 01 . 2017

Ano LXIII
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma

www.rivistadma.org

na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale

Maria Ausiliatrice

Via Ateneo Salesiano, 81

00139 Roma

tel. +39 06872741

fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira

Gabriella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,

Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,

Anna Rita Cristaino, Emilia Di

Massimo, Dora Eyleinstein, Palma

Lionetti, Anna Mariani, Maria

Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,

Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha

Séide, Giuseppina Teruggi, Maria

Grazia Caputo, Caterina Cangia,

Mariano Diotto, Paolo Ondarza,

Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,

Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma

www.vicis.it

Edição Extracomercial

La revista **dma** é realizada sobre carta ecológica certificada FSC, constituída de pura celulose e.c.f. e por um elevado conteúdo de fibras de recuperação (pelo menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

Associativa USPI

Unione Stampa

periodica italiana

SUMÁRIO

EDITORIAL 03

A Paz é o caminho

Defender a paz

04

Cultura ecológica

Cuidar do ouro azul

05

Fio de Ariadne

Para um possível confronto

07

Dossiê

A profecia do 'contato'

09

O caminho de Damasco

Desejar a força do Espírito

14

Horizonte família

Amoris laetitia:

Sinfonia do amor conjugal

16

Fio de Ariadne



Mulher

Os efeitos do feminino na sociedade contemporânea

18

Focus

Sabes assobiar?

20

A voz dos jovens

Deixai uma marca no mundo!

23

Polifonia

Liderança e vida consagrada

24

E-comunicar

Comunicar bem é um empenho

26

Cinema

Agnus Dei

27

Literatura

Bússola

29

Música

Música para possuir ou apenas para escutar?

31

Laboratório-imagem

Dialogar com os jovens por meio da fotografia

32

Camilla

A voz das coisas

34

Focus



Editorial

A profecia do contato

A Revista DMA abre-se com o 2017, no coração da novidade de Deus. Ele nos fala no cotidiano e nos chama a uma vida nova, ressuscitada, plena. *Somos uma missão* neste mundo contemporâneo. O DMA sente-se marcado pelo fogo da missão de iluminar, vivificar, dialogar, intervir, promover comunhão, abrir janelas para horizontes sem limites, com um coração oratoriano dilatado (cf. EG 273).

Acolhendo o chamado de Jesus, deixamo-nos conduzir por Ele, entregando-lhe o primado dos projetos e ações. O DMA sente-se desafiado a empreender um caminho de profecia, ciente de que a iniciativa é sempre de Deus e é preciso uma fina sensibilidade para comunicar com palavras carregadas de significado ao mundo atual.

O fio condutor para o ano de 2017 é a **Profecia** e a sua força transformadora, porque, iluminada pela mensagem do Evangelho, faz-nos procurar uma humanidade tocada por Deus. Profecia esta que está a cargo do ser humano, na sua fecunda experiência da Encarnação de Jesus. Os quatro rostos da Profecia: profecia do *contato*, da *fraternidade*, da *ternura* e do *ir ao encontro*, pretendem fazer-nos percorrer um caminho que nos leve a tocar a realidade sagrada do outro.

A profecia do contato, interroga-nos sobre a autorreferência. O carisma salesiano, na sua audácia profética, convida-nos a não só observar a realidade, mas também, como se vive nela. Percorrer o caminho do mundo contemporâneo, com os jovens, missionárias de esperança e de alegria, nos impele a uma profecia do contato, do conviver, do enfrentar os desafios da justiça, da paz, da solidariedade, sem nos cansar; prontos para alcançar metas de esperança.

A profecia da fraternidade, é caminhar rumo a uma fraternidade universal que se

torna visível, em concreto, aos mais próximos, àqueles com os quais fazemos um caminho juntos, e para os quais somos anúncio vivo da mensagem de Jesus. Fraternidade como compromisso para transformar o tecido social, em espaços e tempos dos valores evangélicos. Fraternidade rumo a uma convivência solidária, como comunidades onde se exercita a comunhão dos bens e dos dons.

A profecia da ternura, que cura a humanidade. Somos interpelados a abraçar com a ternura de Deus, toda a realidade humana. O Papa Francisco nos exorta a “ser missionários da ternura de Deus”, ternura que nos leva a ser próximos dos outros e que se traduz no cuidado com os gestos e com as palavras, diante da sacralidade das pessoas e da criação.

A profecia do ir, do Deus que caminha, que pisa o nosso chão e o conhece. Ele se faz companheiro, e está ao nosso lado. O chamado missionário nos solicita a *ir* e, enquanto caminhamos, sentimos arder o coração porque é um chamado habitado. Deus está conosco; não caminhamos sozinhos. É um *ir* em companhia da Trindade-comunhão. O caminhar coloca-nos na condição de estar “em saída”, de aprender a acertar o passo no ritmo do povo e, enquanto se caminha busca-se o significado da Vida.

O DMA, no desejo de abrir “outras janelas”, assume um outro rosto: **o digital**. Com o Site da Revista digital teremos a possibilidade de mais leituras, aprofundamentos, filmes, entrevistas e interação com os leitores.

Maria Helena Moreira
nhmoreira@cgfma.org

Defender a paz

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@fma.org

«Na guerra, a verdade é a primeira vítima. Pedimos em alta voz que seja esclarecida. Pedimos um decidido empenho para pôr fim à violência e superar a indiferença diante de uma terceira guerra mundial combatida “em pedaços”», é o grito dos sírios que permaneceram na pátria, e dos refugiados que vivem nos países vizinhos ou mais distantes; é a alegria de uma cordialidade vivida por quem escolhe permanecer, na normalidade do suceder-se dos dias, com a força do amor e da proximidade, porque a PAZ é possível!

“A não-violência: estilo de uma política pela paz”, é o tema da 50ª Jornada mundial da Paz 2017. A não-violência não é mais apenas uma escolha de vida pessoal, mas uma linha sócio-política a ser perseguida juntos. O primado da ‘força do direito’ sobre ‘o direito da força’, que o Papa sollicita, mesmo parecendo frágil, obteve bons resultados onde foi experimentado.

■ Na Síria, a paz é possível

No dia 29 de março de 2017, no Departamento de Estado, em Washington, Ir. **Carolyn Tahhan Fachkh** recebeu o **Prêmio Internacional Mulheres Corajosas 2017**, porque, pondo em risco a própria vida nesses anos de guerra, tornou-se sinal de esperança para a comunidade. «Estou consciente de que este prêmio não é apenas para mim, mas para a Igreja na Síria, que é UNA, e somos muito unidos. Paradoxalmente, esta guerra nos uniu ainda mais. Ninguém de nós quis deixar o País desde o início da guerra. A Síria hoje é um País destruído, não apenas na economia, mas na cultura, nas suas raízes. Certo dia, na escola, uma criança fez um gesto com a boca e lhe perguntei o que era. Respondeu-me que era o rumor de uma bomba, que é diferente do rumor de um

míssil. Não posso pensar que as crianças sírias aprendam a distinguir as armas, e não a brincar, estudar e crescer, como crianças ‘normais’».

Carolyn Tahhan Fachkh, Filha de Maria Auxiliadora, nasceu em Aleppo no dia 9 de agosto de 1971, de mãe armênia. Chegou ainda criança à Síria, no tempo do massacre, juntamente com muitos membros da família, que sobreviveram. Amou e ainda ama muito a Síria. Trabalha incansavelmente para sustentar as exigências das populações mais vulneráveis da Síria, particularmente os refugiados, as mulheres e as crianças, e pela construção de uma sociedade mais humana que respeite a dignidade de cada pessoa. Fiel ao Carisma da Congregação salesiana, continua sendo uma presença de solidariedade com os jovens e os pobres, na Síria. Ela é a voz corajosa que se levanta em prol da justiça e da paz, na Síria.

■ Uma atmosfera de paz

Ir. Carolyn relata o empenho da comunidade das FMA do Oriente Médio para promover a Paz. «Desde o ano de 2010 escolhemos permanecer ao lado da nossa gente, em plena guerra, compartilhando os momentos de medo e de dor, pelos horrores dos atos terroristas que continuam a semear angústia, medo e lágrimas em quem é atingido por eles».

Em Damasco, dirige uma escola materna que acolhe cerca de 200 crianças, tanto cristãs como muçulmanas, e lhes oferece um ambiente seguro. “Tentamos oferecer a estas crianças um ambiente de paz. Todas as crianças gostam de brincar, correr, cantar, não é mesmo? Oferecemos este ambiente também a muitas outras crianças que sofreram os danos da guerra; há as que não falam mas trazem dentro de si a lembrança da violência. Colocamos estas crianças junto com aquelas que não estão em situações tão difíceis. Usamos uma terapia musical duas vezes por semana: utilizamos instrumentos musicais, cantamos. Sobre 200 crianças, 24 são cristãs e 166 muçulmanas. Os pais têm

muita confiança em nós porque oferecemos um clima de paz, um clima de família, onde a criança, brincando, saltitando, sonha. Por outro lado, eles estão seguros de que aqui não existe fanatismo, não. Nós os aceitamos como são, não dizemos: ‘cristão’, ‘muçulmano’. Nossa casa está sempre aberta a todos”.

Deus criou o mundo para nós. Não podemos permanecer indiferentes perante sua destruição. Procuremos, todos e todas, ser construtores de paz. Porque a paz é possível.

■ Juntos, muçulmanos e cristãos

As FMA mantêm uma escola de corte e costura para as mulheres sírias. É um curso de alfaiataria, no final do qual as diplomadas (no início eram apenas 17 e, no final 120) recebem uma máquina de costura para iniciar o seu trabalho com autonomia. “No começo trabalhávamos com as mulheres iraquianas refugiadas. Quando começou a guerra as mulheres iraquianas deixaram a Síria e começamos a trabalhar com as mulheres sírias. No final do curso recebem um certificado e podem começar a trabalhar. Certa vez, uma mulher começou a chorar. Perguntei-lhe: «Por que você está chorando?». Ela me respondeu: «É a primeira vez que recebo um diploma na minha vida». Damos o apoio necessário para continuarem com firmeza, independentes, acharem um trabalho e não ficarem sempre no mesmo ponto, que agora é a guerra, a morte. Nós as animamos a irem em frente rumo ao futuro, dizendo-lhes: «O futuro virá, a paz virá». Oferecemos-lhes uma retomada de vida. Com a explosão da guerra e suas consequências mais dolorosas, como a pobreza, a perda do trabalho, etc., com a ajuda de alfaiates muito corajosos, puderam começar outra oficina de trabalho para confeccionar tecidos de todo o gênero que, posteriormente, são vendidos, com a finalidade de dar trabalho às jovens que terminam os seus Cursos, e de ajudar as famílias em dificuldade, fornecendo remédios aos doentes, oferecendo taxas reduzidas, e contribuindo na paga dos aluguéis da casa.

Ir. Carolin não está só. Há vinte Irmãs Missionárias que trabalham em Damasco, em duas comunidades: a que se ocupa da escola e a que administra o hospital. Apesar

das dificuldades criadas nos seis anos de guerra, existe uma grande solidariedade entre o povo: “Quando acontece alguma coisa nas proximidades da casa, muitas pessoas, também as muçulmanas, batem à nossa porta perguntando-nos: «Irmãs, as senhoras estão bem? Precisam de alguma coisa? Sentem medo? Podemos ficar com as senhoras».

■ A aposta na Paz não está perdida

É verdade que a paz não se improvisa, não se pode considerá-la fácil, é uma “virtude ativa” (Papa Francisco), requer empenho e colaboração de cada pessoa e de todo o corpo social no seu conjunto, tutelando o bem das pessoas, e respeitando sua dignidade e seus direitos.

PRIMEIRO PLANO *Cultura Ecológica*

Cuidar do ouro azul

■ Ir. Júlia Arciniegas e Ir. Martha Séide
j.arciniegas@cgfma.org mside@yahoo.com

Neste número nós fazemos uma pausa sobre duas metas que se referem à água e que estão em plena sintonia com a encíclica do Papa Francisco, Laudato Si’ que dedica cinco itens a esta questão (cf LS 27-31). Lê-se no n. 30: «Na realidade, o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e por isso é condição para o exercício dos outros direitos humanos». Assim, as duas metas (OSS): “Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável de água e condições higiênicas para todos (n. 6) e Salvar os oceanos, os mares e os recursos marinhos para desenvolvimento sustentável (n. 14)”, respondem bem a este direito.

■ As cifras da água

Os estudos sobre a situação em nível mundial demonstram que, se os oceanos cobrem os três quartos da superfície terrestre, o nosso planeta possui água potável suficiente para satisfazer a realização deste direito fundamental. Todavia, por causa de infraestruturas de qualidade inferior, ou

devido à má gestão econômica, a cada ano milhões de pessoas, das quais grande parte são crianças, morrem por doenças causadas pelo abastecimento precário da água, serviços sanitários e níveis higiênicos inadequados. Segundo as últimas estimativas da Organização mundial da Saúde (OMS), entre 1990 e 2015, a proporção de população mundial que utiliza as melhores fontes de água potável subiu de 76 a 91%. A escassez de água atinge mais de 40% da população global, num percentual que pontua um aumento. Diariamente, cerca de 1000 crianças morrem por causa de doenças ligadas à água e à higiene. Na mesma linha abunda a *Laudato Si'*, que descreve em detalhes as problemáticas ligadas à escassez da água, com todas as suas consequências (cf LS 29).

Revela-se esta constatação também quando se leva em consideração o ecossistema marítimo em ordem à salvaguarda da nossa saúde. Mais de três bilhões de pessoas dependem da biodiversidade marinha e costeira, para o seu sustento. Os oceanos representam a maior reserva de proteínas do mundo, com mais de três bilhões de pessoas que dependem dos oceanos como recurso primário, e tantos outros componentes orgânicos de primeira ordem. As indústrias da pesca marinha dão emprego, diretamente ou indiretamente, a mais de 200 milhões de pessoas. Todavia, o percentual de 40% dos oceanos do mundo é pesadamente influenciado pelas atividades humanas, cujo impacto inclui a poluição, a exaustão das reservas da pesca e a perda dos *habitat* naturais ao longo da costa.

Os dados tornam ainda mais evidente a importância dessas duas metas ligadas à água e aos oceanos. De fato, a conservação e a exploração sustentável dos oceanos, dos mares e de todos aqueles recursos, no seu interno, são importantes para a nossa vida: a redução da poluição marinha, assim como uma gestão sustentável do ecossistema e uma proteção do ambiente subaquático, são metas necessárias para salvaguardar a nossa saúde. (OSS/ODSG, n.14; cf LS 40-41).

■ Metas para 2030

Partindo do princípio de que o acesso à água potável é um direito fundamental da pessoa, o vértice do desenvolvimento sustentável das Nações Unidas de 2015

pensou agir tempestivamente estabelecendo metas precisas a serem alcançadas até 2030. Quanto à meta n. 6, Justin D. Brookes, professor e Diretor do *Water Research Centre*, no Instituto para o Ambiente, na Austrália e nos Estados Unidos, disse a respeito desses objetivos: «A meta [...] prevê para os próximos vinte anos, uma missão ambiciosa mas realizável: “garantir a todos a disponibilidade e a gestão sustentável da água e das estruturas higiênico-sanitárias”. A realização desta meta é proposta por meio da aplicação de quatro princípios: 1) separar a água potável das águas residuais; 2) tratar a água potável com o fim de remover os contaminantes químicos e biológicos; 3) proteger e restaurar os ecossistemas de água doce; 4) garantir o acesso à água potável» (cf <http://www.unric.org/it/>).

Quanto à meta n. 14, prevê-se entre outras coisas, reduzir toda forma de poluição marítima, gerir de modo sustentável o ecossistema marítimo e costeiro, regular de modo eficaz a pesca, aumentar o conhecimento científico, desenvolver a capacidade de pesquisa e da transmissão da tecnologia marítima, de potencializar a conservação e utilização sustentável dos oceanos e dos seus recursos.

Uma atenta gestão da água está na base de um futuro sustentável (cf <https://unric.org/it/agenda-2030>). Como põe em evidência o Papa Francisco: «Os impactos ambientais poderiam atingir bilhões de pessoas e, por outro lado, é previsível que o controle da água, por parte de grandes empresas mundiais, se transforme em uma das principais fontes de conflito deste século» (LS 31).

**Louvado sejas, ó meu Senhor, pela
irmã Água, que é muito útil, humilde,
preciosa e casta (São Francisco)**

■ Agir com urgência

Na exortação apostólica *Laudato Si'* o Papa Francisco convida a agir com urgência para remediar as consequências futuras da escassez de água, assim como o aumento do custo dos alimentos e de outros produtos, os impactos ambientais, as doenças, os conflitos, etc. (cf LS 31).

Em que direção agir?

Para agir com tempestividade, ocorre intervir contemporaneamente sobre duas frentes, isto é, em nível micro, com os

pequenos gestos da vida cotidiana; em nível macro, com as escolhas políticas nacionais e internacionais.

Já existem boas práticas individuais e coletivas no mundo, promovidas pelas organizações internacionais, várias associações ecológicas, que sugerem a promoção de uma nova cultura da água, baseada nas propostas colocadas em foco pelos Movimentos em prol da água, durante os Foruns alternativos. Folheando o site constata-se que, em quase em todos encontram-se *10 conselhos* que podem beneficiar a economia de água. Observando de perto a situação, pode-se concluir que o desperdício da água aprofunda suas raízes, na maioria dos casos, na falta de informação, sobre o pouco conhecimento da realidade com relação ao patrimônio hídrico da humanidade. Interessante, a este respeito, o teste “Sabes quanta água consomes?” trazido por algumas associações ecológicas. (cf <http://www.focus.it/ambiente/22032010-1549-222-sai-quanta-acqua-consumi>).

A água é um bem vital, patrimônio comum mundial” (Do “Contrato sobre a água”)

■ O estilo de vida, constrói-se

O estilo de vida exterioriza a imagem de si, privada e pública, consciente e intencional, íntima e comunicativa, que cada pessoa assume e exprime. Como cada forma existencial, o estilo de vida constrói-se, amadurece, muda relativamente. Do ponto de vista pedagógico, o estilo de vida pode ser entendido como parte dos conteúdos da educação, nasce dos seus métodos, qualifica os resultados possessivos. Neste sentido o estilo de vida é educável; ele passa por fases de imitação repetitiva, de crítica ou rejeição, de busca e de prova, de criatividade original e pessoal. O testemunho dos adultos incide sobre concepções de vida, sobre o horizonte de valor de quem se encontra em fase de crescimento (Gianola P., *No Dicionário de Ciências da Educação*, LAS 2008)

■ Educar ao consumo responsável

O caminho para uma gestão sustentável da água é, então, uma educação que torna o uso deste recurso compatível com a salvaguarda dos ecossistemas.

Uma boa prática é reduzir o desperdício de água diminuindo o seu consumo, reciclando-a e reutilizando ao máximo o seu consumo;

atingi-la com a menor deterioração possível do ecossistema, isto é, deixando uma parte dela para o desenvolvimento normal dos rios, das torrentes e dos lençóis de águas subterrâneas, pois, também a natureza tem necessidade de água; poluir a água o menos possível e proceder depois com um tratamento de depuração com o mínimo desperdício energético e impacto ecológico; preservar o solo e a vegetação, sobretudo aquela ao longo das margens dos rios, que é fundamental para o cuidado da biodiversidade (cf. Ordem dos Frades Menores, *A salvaguarda da criação na vida cotidiana*, Escritório JPIC – Roma)

Diante deste bem comum, é necessário promover processos educativos que gerenciem atitudes solidárias fundadas na consciência de que, cada gota de água utilizada e cuidada com responsabilidade, equivale a um presente, a um ato de justiça para consigo mesmo, para com todos os seres vivos, para com a nossa casa comum.

Somos chamados a verificar se realmente temos adquirido fortes convicções sobre as quais fundamentar um estilo de vida, uma conversão ecológica que consolide as virtudes próprias do cidadão ecológico.

PRIMEIRO PLANO *Fio de Ariadne*

Para um possível confronto

■ **Maria Rossi**

rossi_maria@libero.it

Nos últimos dez anos, um conjunto de fenômenos e situações entre as quais a possibilidade e a facilidade de transferir-se de um País ao outro, o acesso generalizado aos meios de comunicação, a exigência de mobilidade por parte do mundo de trabalho e, ultimamente, a emigração em massa, criaram um contexto social que, com a acolhida, exige também um confronto. Uma possível convivência comporta a necessidade de conhecer e compreender em que valores se baseiam o modo de

pensar, a educação eos usos e costumes dos “diferentes”.

■O diferente

O diferente, o desconhecido suscitam curiosidade, necessidade de conhecer, mas também perplexidade e medo que, muitas vezes, levam a criar fantasmas negativos que induzem a reações de defesa, tanto pessoais como coletivas. A respeito dos imigrantes tende-se a pensar que criam desordem, ocupam lugares de trabalho que seriam ocupados pelos cidadãos, transmitem doenças. Quando acontece algum roubo, tende-se a dizer, generalizando, que são todos ladrões e que não merecem confiança. Se, em vez, algum deles, como já aconteceu, salva a vida de um residente, aparece um pequeno artigo no jornal local elogiando, mas logo em seguida, tudo se cala. O positivo não se generaliza. A respeito dos muçulmanos, a dificuldade para permitir construir mesquitas está ligada a medos não totalmente infundados. Os ataques terroristas da parte dos extremistas, sempre aumentando, fazem temer que todos os muçulmanos sejam assim e que o pedido feito, não seja para rezar, mas para preparar atentados. As reações, quando não chegam à violência ou à construção de barreiras, são de suspeita, de desagrado, de frieza.

Nas famílias, nas comunidades, nos grupos humanos, experimenta-se cotidianamente a dificuldade de conviver, serena e cordialmente, com os “diferentes”. A compreensão entre um membro “normal” e um deficiente, entre um jovem e um ancião, entre um homem e uma mulher, entre uma pessoa de classe elevada e uma do povo, nunca é levada em conta. Quando ela existe, é fruto de diálogo, de escuta paciente, de superação dos egoísmos recíprocos, de intuições próprias de pessoas maduras.

Quando a autoridade é frágil ou ausente, nos grupos e nas comunidades, tende-se a estigmatizar não só quem é diferente, mas também quem se comporta diversamente. Numa classe de estudantes, quem se distingue pelo bom desempenho, pode se tornar objeto do *bullying*; assim, nas pequenas comunidades e nos grupos maiores com atitudes atrevidas ou desonestas, quem é pontual e honesto, pode ser olhado com suspeita ou compaixão, etiquetado com apelidos, caçoado,

marginalizado e, em certos ambientes onde reina a máfia e a corrupção, pode até correr risco de vida.

■O confronto

É por meio do confronto e do diálogo respeitoso que se pode chegar a uma serena convivência com os diferentes. A escuta atenta é sempre uma ocasião para ampliar o próprio horizonte, enriquecer o saber, descobrir outros valores, perceber os limites da própria cultura, libertar-se dos preconceitos e, assim, crescer juntos. Mas, para que o confronto não seja ocasião de litígios e de fechamentos é necessário possuir uma estrutura de personalidade suficientemente madura, ter elaborado uma identidade pessoal “sólida” e libertar-se dos preconceitos criados pelo não conhecimento e pelo medo.

Na sociedade atual, que é definida como sociedade “fluida”, esta elaboração torna-se dificultosa também pela falta de modelos reais atraentes. “Sabe-se que as identificações infantis e adolescentes acontecem por meio de um processo de confronto com modelos concretos, o primeiro, dentre os quais, ao masculino e ao feminino, são os pais, depois os educadores extrafamiliares (professores e educadores) e finalmente o grupo dos iguais. [...] Hoje parece que os modelos concretos (feitos de pessoas reais) com os quais o jovem se encontra, estejam um tanto desbotados porque a mídia os domina [...]

As pessoas reais, que interagem nos primeiros anos de vida, vivem sempre mais apressadas, e os outros modelos (avós, quando tudo vai bem, babá, mudam frequentemente) não têm tempo de “incidir” na vida do pequeno, porque o modelo dos pais cansados e apressados, os substitui nas horas mais importantes da relação. A mídia propõe modelos fantásticos ou “heroicos” (positivos e negativos) e a cotidiana exposição a eles, interfere no processo identificativo. Os modelos “virtuais”, muitas vezes apresentados de modo exagerado pela mídia são eficazes de modo “virtual”, provocam e sustentam identificações momentâneas e frágeis, que duram enquanto dura a sua presença em *rede*, mas mudam com as mudanças e o flutuar da rede.

FONTANA Umberto, Votos perpétuos? Os liames de consagração religiosa na sociedade mutável, EDB

Os adolescentes e os jovens que construíram a sua identidade com a ajuda desses modelos podem achar-se com uma identidade frágil, “líquida”. Líquido é o contrário de sólido, não tem uma forma própria, nem estabilidade. Penetra em toda parte e se adapta às circunstâncias que se apresentam. Quem se acha com esta identidade não pode sustentar um real e sério confronto, realizar um diálogo construtivo com os diferentes. O risco é tornar-se confuso ou assemelhar-se ora a um, ora a outro, sem jamais ser ele próprio.

Não somente os jovens, mas também pessoas com idade adulta, que não alcançaram uma identidade *adulta*, têm dificuldade de realizar um confronto sereno com os diferentes. Nas comunidades, de convivência comum, de estudo e de trabalho, podem-se observar pessoas, inclusive Irmãs que, enrijecidas pelo medo, pela insegurança e, às vezes, pela preguiça de aprofundar, fazem próprios os preconceitos negativos veiculados por uma baixa cultura e se defendem impondo-se ou agredindo, marginalizando ou aceitando passivamente ou se fazendo de vítimas. Um verdadeiro confronto exige a capacidade de escutar atentamente, sem preconceitos, as razões do interlocutor, de expressar serenamente as próprias razões e de chegar a uma solução que tenha presente as duas considerações. O problema é que cada um/uma está muito convicto/a de estar certo/a e livre de preconceitos.

■ Formar-se

Para dialogar e confrontar-se serenamente, não basta querer. É necessário preparar-se, conhecer-se também nos pontos mais frágeis, não se achar perfeito e aceitar-se como se é, saber sobre que valores construiu a própria identidade, perceber os limites de cada cultura, incluindo a própria, e colocar-se alguma dúvida sobre a possibilidade de confundir com a verdade, algum preconceito. Seria importante vencer o medo e a preguiça, e enfrentar leituras, estudos, cursos de formação que abram para outro horizonte, que desmascarem as ideologias e os preconceitos, solicitem uma respeitosa e saudável curiosidade e uma boa capacidade crítica, também diante da mídia que amplifica os medos, reforçando os preconceitos.

É importante ter consciência da dinâmica das próprias reações emotivas. Quando se prevê que o argumento a ser tratado é escabroso e se percebe numa certa perturbação interior, é bom esperar e não endurecer-se imprudentemente com o risco de perder o controle e, em vez de realizar um acordo, acabar num litígio desagradável e perdedor. É então útil conceder-se tempos de reflexão, de estudo, de silêncio para encontrar-se a si mesmo e reforçar a própria identidade.

No âmbito educativo, não se trata de demonizar a *rede* ou proibi-la. Ela oferece ótimas possibilidades quando utilizada adequadamente não ocupando tempos de exposição muito longos, e quando se criam ocasiões para refletir juntos sobre os conteúdos e os modelos virtuais que a rede veicula e impõe.

Para um crescimento harmônico é importante a experiência da positividade do real: fazer experimentar a alegria de estar juntos em família e com os coetâneos, tanto nos momentos de recreação e de férias, como nos momentos das tarefas e do empenho cotidiano; guiar à escuta da música e à beleza da arte; educar para o gosto de estar em contato com a natureza: parar diante de um pôr-de-sol, de uma semente que brota, de uma flor que se abre, de uma galinha com seus pintainhos; contemplar a imensidão do mar, a majestade das montanhas, o palpitar das estrelas; fazer colher e apreciar, com a euforia da corrida e das vozes alegres, o lento ritmo das estações, as vozes misteriosas dos silêncios, e, no palpitar da vida, a presença d’Aquele que a fecunda. Ancorados no real e no Outro, a identidade se faz consistente, o “virtual” torna-se uma oportunidade, e o confronto para uma convivência pacífica, uma possibilidade.

DOSSIÊ

A profecia do ‘contato’

■ **Mônica Tausa, FMA**
monicatausa@gmail.com

“No campo social a criatividade, as energias e as forças dependem do contato com outras humanidades, culturas e vidas”. Assim é para a vida religiosa consagrada, caracterizada pela multiculturalidade e chamada a viver a experiência do ‘contato’ por meio da acolhida, da participação e correponsabilidade, vividas como caminho e expressão do sentido de pertença, criando redes de relações entre aqueles que se sentem abraçados pela mesma missão.

■ A profecia do ‘contato’ e a vida religiosa consagrada

O Contato, apenas quando se converte num verdadeiro encontro, isto é, em possibilidade de acolher o outro em toda a sua diferença, é fonte de enriquecimento, de aprendizagem e desenvolvimento. Quando se fez a experiência de viver em contato com pessoas de diversas culturas, a primeira descoberta que se faz é perceber que o mundo não é somente aquilo que nós conhecemos; as pessoas pensam, sentem, comem, vestem-se e têm relacionamentos muito diferentes dos nossos e estas características não são somente relativas à pessoa; elas são determinadas também pela geografia, pela história e pela cultura. Aprendemos assim, que uma língua não é somente um código linguístico partilhado por um grupo de pessoas que moram na mesma região, mas que uma língua é em si mesma uma cultura, um outro modo de entender a vida, uma outra visão da humanidade.

Neste sentido, também a vida religiosa consagrada, pelo seu caráter universal, é uma realidade caracterizada pela multiculturalidade, que nem sempre se torna interculturalidade. Ela é chamada a ser espaço privilegiado para a vivência do espírito de família graças ao diálogo intergeracional, à participação e correponsabilidade, vividas como caminho e expressão do sentido de pertença, criando relações entre aqueles que se sentem abraçados pela mesma experiência. Por isso a vida religiosa consagrada assemelha-se a um ecossistema em que se nasce, se cresce, e se morre e onde a vida se transforma permanentemente. Por isso a vida consagrada não é como uma monocultura que uniformiza e coloca no mesmo nível, e a

terra no final permanece estéril e sem defesas.

Este estilo de vida capaz de reproduzir, numa certa medida, o estilo que o próprio Jesus assumiu para viver sobre a terra, solicita recuperar a força das pequenas tradições, daquelas vozes que têm o sabor da cotidianidade, da “vida comum e normal” dado que, em tempos de globalização e de interconexão, as fronteiras são cada vez mais indefinidas e corre-se o risco de homogeneizar o mundo na ótica dos mais fortes.

Não é o tempo dos monólogos, das monoculturas e dos monopólios! É o tempo do diálogo e do trabalho cooperativo. É tempo de apostar no social.

■ A ecologia dos saberes

O sociólogo português, Boaventura de Souza Santos, capaz de olhar criticamente para a sua tradição europeia e, inspirado na história e nas ricas tradições de cada lugar, propõe a ecologia dos saberes.

Santos indica cinco modalidades de inexistência: **1) a ignorância; 2) o subdesenvolvimento; 3) a inferioridade; 4) a localidade 5) a improdutividade.**

Elas foram produzidas por uma sociedade hegemônica que dividiu a humanidade em duas: de um lado a sociedade colonizadora tradicional e do outro, os grupos coloniais que não são considerados por ninguém.

Partindo de tais critérios, resultam inexistentes tanto a experiência, quanto os saberes que, não estando sujeitos a padrões “científicos”, são identificados como “ignorância”; também as diferentes formas associadas a um grande “desenvolvimento anterior” ou simplesmente diferentes da situação atual das sociedades colonizadoras, são definidas como “estruturas”; as pessoas que não têm um poder econômico, político e social, encontram-se em condições de “inferioridade”; ou aquilo que é produzido dentro das pequenas comunidades ou lugarejos, é considerado como “localidade”; e finalmente, a presença de pessoas que não são consideradas recurso para o mercado como os anciãos, as crianças, os doentes e em muitos casos, as mulheres são definidas como “improdutividade”.

■ Vida consagrada: espaço visível do invisível

A vida consagrada feminina, profundamente enraizada nos exemplos e ensinamentos do Senhor Jesus Cristo, dom de Deus Pai à sua Igreja por meio do Espírito, desde as origens conquistou *uma típica e permanente “visibilidade”* em meio ao mundo, dando vida a um grupo social que, encarnando o Evangelho na própria existência, soube propor os valores evanagélicos em oposição aos valores da sociedade hegemônica. Soube interpretar os sinais dos tempos e responder, de modo iluminado, às exigências emergentes da sociedade com o empenho da caridade e da difusão missionária do Evangelho. Emerge assim um outro estilo de vida mais próximo dos pobres e dos necessitados. Na vida consagrada comum, fundada sobre o trabalho nos hospitais, nas escolas, nas oficinas e em tantos outros ambientes sociais, gerava-se não somente uma sustentação, mas também um estilo de relacionamento na comunidade, caracterizado pela aproximação e corresponsabilidade, determinado, não em base ao nível social, cultural ou econômico de seus membros, mas em referência às competências pessoais que cada mulher consagrada tinha nos confrontos da animação e da missão.

■ De Mornese...

A experiência do carisma salesiano vivida em Mornese, foi em si mesma um paradigma profético do quanto poderia vir-a-ser a vida consagrada. Mornese no século XIX não era um lugar muito conhecido, encontrava-se sumido no Monferrato da Itália.

Foi precisamente a posição geográfica de Mornese, que não tinha nem mesmo o serviço ferroviário, o critério para decidir a primeira transferência da Casa Mãe para Nizza. Mas, Mornese nunca foi um lugar onde as Irmãs, fechadas na autorreferência, morassem comodamente. E nem mesmo as montanhas puderam limitar a ação do Espírito nas mulheres mornesinas, que já olhavam para o mundo com olhos abertos e coração grande. Todas elas, mesmo amando profundamente Mornese, eram capazes de estabelecer relações com pessoas de outros povoados, nações e continentes. No fundo do seu coração estavam convictas de serem chamadas para outros lugares.

Foi exatamente a marca missionária que fez de Mornese, no início, e de todo o Instituto, em seguida, uma casa aberta ao mundo e à vida. Foi o empreendedorismo missionário de Dom Bosco e de Madre Mazzarello que salvou o Instituto de se fechar nos estreitos limites de uma terra ou cultura. De Borgo San Martino a Bordighera, para chegar a Nizza, depois a Turim e enfim à América. Lá as Irmãs encontraram, na realidade, dialetos, culturas e trabalho, possibilidades e problemas diversos.

E foi precisamente isto que alargou os horizontes da existência das Irmãs, muitas das quais pertenciam ao mundo campestre e, por isso, fortemente ancoradas em suas tradições. As novas experiências feitas em diversos Países fizeram entender progressivamente às salesianas, que havia modos e estilos diferentes de vida por serem pessoas e, portanto, religiosas consagradas.

Certamente, o conhecimento e a aprendizagem não foram imediatos. A primeira tentativa era transplantar tudo o que se fazia em Mornese, a terra amada!

■ ...à América

O primeiro contato com os que são deferentes de nós, nem sempre gera empatia, e a desconfiança começa em geral pelas coisas exteriores, como o modo de se vestir, a língua, os costumes. O caminho para tornar-se ‘próximo’ das pessoas que são diferentes é certamente lento, e as primeiras FMA missionárias, chegadas à Terra do Fogo, precisaram fazer um longo percurso para percorrer o caminho do seu Mestre que – como foi dito por São Leão Magno – na sua existência terrena *“sem deixar de ser o que era, começou a ser o que não era”*.

Por isso, tanto Ir. Ângela Vallese como as primeiras missionárias salesianas em terras americanas, que tinham pouquíssima instrução, e que dificilmente haviam conhecido lugares diferentes daquele onde geralmente moravam; elas, filhas de um tempo em que as diferenças, longe de serem vistas como um enriquecimento mas como uma ameaça, precisamente elas começam uma aventura: continuar a ser mulheres consagradas, ancoradas nos princípios fundamentais da própria escolha vocacional e carismática e, ao mesmo tempo, capazes de colher a novidade da cultura americana, procurando reconhecer, em cada pessoa, um filho de Deus.

■... na Terra do Fogo

Eram tão difíceis e inóspitas as condições de vida dos habitantes da Terra do Fogo que até mesmo os Salesianos consideravam oportuna a transferência para Punta Arenas. Haviam preparado lá um espaço acolhedor onde os indígenas pudessem ter sossego. Todavia, os indígenas estavam habituados a não viver sob um teto, mas ao ar livre; aquelas condições estavam tão longe do seu habitat natural, que acabaram adoecendo. Então, as Salesianas compreenderam que era necessário ir ao encontro dos indígenas e entrar em contato com eles em seus próprios lugares de vida. Com coragem, atravessaram mares e suportaram desconfortos a fim de alcançar os indígenas em suas aldeias; aprenderam a respeitar os seu modo de comer, de se vestir, e foram capazes até de aprender como assumir suas condições próprias de vida! Foi a audácia de uma maternidade movida pelo Espírito que impeliu as primeiras missionárias a passar dos próprios esquemas e usos, à aventura de estar com o outro e para o outro, e não somente ir em direção ao outro.

■A coexistência dos diferentes

Fazer o exercício de aprender com a Ecologia dos saberes, implica, antes de tudo, tomar uma decisão ontológica, isto é, considerar o ser humano como um ser de direitos e deveres. Nada está acima das pessoas, nada pode determinar a sua diferença, mas ao mesmo tempo é necessário aceitar e compreender que, do reconhecimento desta dignidade, surge a consideração, em particular, das suas condições. Por isso, é importante falar de construção de uma realidade complementar, isto é, de coexistência ou mesmo de **co-presença radical** – afirma Santos – onde a afirmação de uma realidade não é negar a outra realidade. Então, assumir esta co-presença radical, exige compreender que existem muitas formas de ser humano, de ser cristão, de ser religiosa, como também, de ser salesiana. Porque, cada pessoa é diferente, como é diferente o mundo em que habita. É preciso assumir as tonalidades tão diferentes segundo o espaço e a cultura, que caracterizam a sua existência.

Este novo modo de conceber as culturas solicita-nos a *mudar o que até agora foi considerado*, isto é, entender o mundo como

um sistema de realidades que se excluem entre si: o modo ocidental e o modo oriental, a cultura do Norte e a do Sul, as populações europeias e as indígenas, as pessoas brancas e as negras, o conhecimento científico e o simplesmente mágico. Aqui e agora, a ecologia dos saberes propõe **uma nova construção da humanidade** que se baseie na coexistência dos diferentes, onde o reconhecimento e o respeito às diferenças se constitua no espaço privilegiado para a conservação e defesa da humanidade. Por isso, este empenho implica um exercício muito rigoroso para a leitura da realidade de modo tal que se descubram as ausências – aquilo que é inexistente – e se antecipem as emergências – aquilo que até agora foi apenas sonho. Nesta direção, uma sociedade mais humana, pode fazer caminho.

Por conseguinte, a *ecologia dos saberes* propõe um modo alternativo de ser pessoa e de ser sociedade, isto é, uma modalidade de viver marcada pela coexistência dos diferentes mundos que ajustam a geografia humana. Não estamos aqui para afirmar um ecletismo acrítico onde tudo vale e tudo deve ser admitido e, ainda mais, promovido. Trata-se, em vez disso, de favorecer um verdadeiro diálogo entre os saberes onde, como nos ecossistemas, o importante é **a conservação e o desenvolvimento da vida** e não a simples sobrevivência. A tarefa então, passa pela construção das condições de uma vida digna e plena para todos e todas.

■Uma experiência de inclusão

Desde as origens, a vida religiosa consagrada salesiana foi caracterizada pela comunhão entre os diferentes. Tanto em Valdocco como em Mornese constatamos que a diversidade da idade, dos lugares de proveniência, das culturas, da formação acadêmica e social, dos dialetos e das línguas tornou-se o espaço mais natural para o desenvolvimento da vida.

A diversidade não foi um problema, antes, foi vista como uma oportunidade de crescimento e de complementação, o seu reconhecimento não foi determinado por um regulamento, mas foi uma experiência que partiu do conhecimento das condições e possibilidades pessoais das Irmãs, e das necessidades da comunidade ao serviço da missão.

A este propósito basta lembrar que Madre Mazzarello pedia com frequência às Irmãs sugestões para o bom andamento da casa e que, muitas vezes, recebia de Irmã Assunta Gaino, a Irmã responsável da cozinha, sugestões muito sábias. A Cofundadora costumava considerar-se como a menos preparada em termos de formação acadêmica e realmente de sua parte não havia nenhuma pretensão. Madre Mazzarello sentava-se ao lado das jovens na escola, e aprendia muitas vezes com as postulantes, que ela acompanhava espiritualmente.

■ **Contato que acolhe e acompanha as pessoas**

Quanto profetismo envolve esta vida religiosa consagrada nascente, na qual não há a vantagem da formação acadêmica das pessoas em vista da assunção de lideranças, nem da sua condição econômica e social. Tem mais força o seu empenho de vida, a sua capacidade de governo e abertura ao Espírito. A profundidade espiritual deste cenário mornesino, é realmente um lugar privilegiado para favorecer o diálogo dos saberes e das experiências com o único escopo de acolher o dom de Deus e acompanhar o crescimento de cada pessoa.

No entanto, enquanto tantas pessoas hoje, seguindo a lógica do marketing, dominam submetendo a vontade das pessoas, manipulando as suas consciências e vendendo falsas promessas de felicidade, a vida religiosa consagrada aposta nas categorias sociais mais marginalizadas, descartadas, isto é, as crianças, os enfermos, os sem teto e sem moradia, os idosos, os migrantes. As religiosas dedicam a sua vida com uma sensação de desafio e não de lucro, a sua existência é o testemunho do anúncio, entregar a vida por amor para fazer com que o Reino de Deus vá adiante em meio ao povo rico de humanidade, e promessa de futuro. Uma alegria assim só pode provir de uma confiante entrega nas mãos de Deus.

■ **Tornar-se um 'nós': verdadeiro diálogo de saberes e de vida**

A experiência de fé que convoca os membros de uma comunidade religiosa faz com que sejam superadas todas as distinções de gênero, de raça, de sexo, de proveniência social, e em troca favorece o diálogo entre as identidades e as diversas

pertencas para percorrer o cansativo caminho de tornar-se um "nós". Este "nós" não se exaure dentro da comunidade, mas em vista da mesma missão que assume o Instituto. O "nós" é chamado a compartilhar a vida do povo e com o povo; trata-se portanto de tornar-se com ele e graças a ele. Neste sentido a reciprocidade é mais plena porque cada contato é convertido em encontro somente quando a afirmação for recíproca, isto é, quando alguma coisa do meu 'Eu' interior tocou o outro.

O fato, portanto, de aproximar-nos de uma ecologia dos saberes, não tem a pretensão de ignorar toda uma rica tradição, plena de responsabilidades. Trata-se de revisitar tal tradição sem dogmatismos, abertas à mudança trazida pela Boa-Nova do Evangelho, seguindo a inspiração dos últimos da terra: os pobres.

O Instituto das FMA, na sua longa história, empenhou-se em colocar em prática processos de interculturalidade, coerentes com a multiculturalidade que sempre o caracterizou. Por isso, procurou dar respostas que potencializassem a riqueza desta interculturalidade com a criação de uma Faculdade de Ciências da Educação, e de diversas obras em favor da espiritualidade do Instituto; a publicação da Revista internacional DMA e o Site institucional respondendo, não somente à necessidade de levar à convergência e à unidade dos critérios de ação nos diversos contextos, mas, sobretudo foi a modalidade que o próprio Espírito Santo empregou ao fazer-nos compreender que, mesmo sendo uma experiência carismática, a humanidade é tão diversa quanto são os contextos e os rostos das culturas, por isso a vida religiosa salesiana assumiu no encontro com cada cultura, um rosto novo.

A demanda continua a solicitar a participação de cada FMA, para tornar possível a identificação de cada rosto e de todas as vozes; o esforço para tornar visíveis as experiências dos diversos contextos, revela em toda parte, a ação do Espírito que anima a vida tornando-a entretanto um verdadeiro diálogo de saberes e de vida.

■ **Caminhos a serem privilegiados**

A vida religiosa consagrada, portanto, é claramente solicitada a viver continuamente apostando na solidariedade e no amor, a fim de rejeitar o consumismo e a

mercantilização; além disso é chamada a defender a família e a natureza. O Papa Francisco afirma continuamente nos seus discursos, que o colonialismo ideológico da globalização pretende, antes de tudo, impor soluções que ameaçam as próprias culturas, e não respeitam a identidade dos povos.

O nosso Instituto, atento a esta solicitação, será sempre mais significativo se aprender a difundir as vozes das diversas experiências locais, a formar portanto, os seus membros para reconhecerem a alteridade, acolherem de modo genuíno o outro para além das diversas circunstâncias e histórias. Pode-se afirmar que isto se torna um caminho privilegiado para construir, não somente conhecimentos mas, sobretudo verdadeiros significados. Percorrê-lo, supõe, entre outras coisa, uma humilde atitude que implica aprender a nos ver no meio dos outros como uma das formas que a vida humana, cristã e salesiana pode assumir, neste caminho, certamente como afirma Santos, *é preciso uma trabalho mais de testemunho encarnado e menos de líder clarividente*”.

Talvez a profecia tenha encontrado o seu caminho entre nós há algum tempo: no Instituto das FMA, cada vida humana é um dom que tem infinitas possibilidades de realização além da cultura, das competências intelectuais, as idades, as circunstâncias históricas, o que conta é a santidade concretizada no amor. Basta observar a trilha traçada por tantas Irmãs de todos os tempos, não apenas por aquelas que são reconhecidas pela Igreja, mas por todas as Irmãs que viveram a maravilhosa aventura de realizar o sonho de Deus para a humanidade.

Trata-se, portanto, de caminhar ao lado de muitos que, seja como for, empenham-se para que se torne realidade.

Boaventura de Souza Santos é um sociólogo português diretor do Centro de Estudos Sociais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e professor visitante em várias universidades do mundo. *Epistemologia do Sul*, 2009. Descolonizar o saber, reinventar o

EM BUSCA *O caminho de Damasco*

Desejar na força do Espírito

Mara Borsi
mara@fmails.it

A pessoa é um ser de desejo. Mas, o que é desejar? Até onde as aspirações de uma pessoa humana podem chegar? O desejo não está, talvez, sendo vítima de ilusões? Como então colocá-lo à prova e educá-lo melhor? O que é desejar na força do Espírito?

Desejar na força do Espírito é, em primeiro lugar, trabalhar para tornar a humanidade mais humana para participar com todo o seu esforço e empreendimentos do movimento de humanização, contra toda força brutal que possa nos conduzir à animalidade. É reconhecer que os seres humanos não vivem só de pão, de coisas materiais, mas da partilha desse pão, da palavra, do encontro, da solidariedade. Por isso não existe evangelização sem serviço ao mundo. Foi isto que Jesus fez no seu tempo: curar os doentes, integrar os excluídos, restituir a cada um sua dignidade, remeter à justiça, à doçura, ao perdão, à paz.

■ A lei da necessidade

As violências nascem quando todos estão envolvidos, individual ou coletivamente, numa luta até a morte, por medo de passar necessidade.

O Evangelho, por exemplo, deixa bem claro que, no diálogo com o tentador, Jesus fica em jejum, não por desprezar o pão, mas para significar que a sujeição à fome deve ser incluída pelos homens no campo da comunicação, da partilha ou, em outros termos, da convivência. Esta é a condição para ser humanos. Uma refeição torna-se de fato humana quando é ocasião de partilha do alimento, da palavra, é lugar de encontro. Os animais apenas precisam satisfazer suas necessidades imediatas, segundo o instinto. Para a humanidade não é assim. A humanidade concorda consigo mesma somente quando domina a satisfação das necessidades inscrevendo-as no campo do desejo, da palavra, da aliança com os outros.

O homem não vive somente de coisas para possuir, para comer, mas também de falar, de encontrar, de compartilhar. Na dinâmica entre necessidades e desejos, trata-se de fazer nascer o humano

■ Sem domínio

No movimento da humanização, desejar segundo o coração de Deus no seguimento de Jesus, é reconhecer a fraternidade fundamental que nos une. Nós somos todos e todas irmãos e irmãs em Jesus Cristo, chamados a viver uma aliança sem domínio, sem meios de poder, na alegria serena e desarmada do encontro e da partilha.

A tentação do poder, da exaltação de si e da posse das coisas para dominar os outros, está muito viva no contexto contemporâneo. Mas isso acontece ao preço da submissão de si mesmo ao poder diabólico: “Se tu me adorares, eu te darei todo este poder, com a glória desses reinos”. Jesus, na sua liberdade, renuncia a este culto diabólico do poder, para afirmar que o único culto que tem valor é o culto prestado a Deus. Prestar culto a Deus é renunciar à vontade de domínio sobre o outro. Jesus, no decurso de sua vida, rejeita os meios de poder, descarta a violência, vive a sua vida pública sem espírito de domínio, com bondade, sem armas, com a única força da palavra da verdade. Suas mãos são nuas, ele é pobre, vulnerável, demonstra-se irmão de todos, sobretudo dos excluídos pela sociedade do seu tempo. A aposta que está em jogo por um novo humanismo, é viver como irmãos, viver em aliança, uns com os outros.

Desejar segundo o coração de Deus significa convidar a reconhecer que a fraternidade que nos liga, encontra a sua fonte em Deus Pai, em um Deus que escuta a nossa oração e a quem podemos nos dirigir confidencialmente, sem medo dizendo com as palavras de Jesus, “Pai nosso”.

O que é ser cristão de fato senão promover tudo aquilo que é humano em nós mesmos, vivendo em aliança fraterna entre nós, e filial com Deus? É anunciar que aquele vínculo fraterno e filial que nos é dado por graça, não somente nos fará viver agora, mas será mais forte do que a morte. Assim somos conduzidos pelo Evangelho, às mais altas aspirações e esperanças.

■ Donos da vida?

Alguns filósofos da corrente *postumano* impelem o homem e a mulher, contemporâneos a crer que a vida nos é devida como um direito que, ninguém, nem mesmo Deus nos poderá tirar. É esta, de certo modo, a tentação de acreditar-nos donos da vida, de colocar Deus ao próprio serviço, ou até mesmo de ignorá-lo, fazendo tudo o que queremos como se fôssemos imortais.

No relato evangélico das tentações em que o diabo submete Jesus, notamos que o tentador sugere a Jesus que a morte, para ele, está fora de questão; não há nada a temer, pode jogar-se do alto do templo.

Na vida de muitas pessoas, esta ilusão de acreditar-se imortais e de pensar que nada possa acontecer, é muito concreta. Ela emerge na existência quando, por exemplo, corre-se de carro como loucos; quando se excede fumando ou bebendo, ou se drogando, sem pensar nas consequências. Quando se polui o planeta sem pensar nas gerações futuras; quando se lança na corrida armamentista; quando se aventura, sem reservas, nas experiências sobre o genoma humano, etc.

Em resumo: cada vez que, por falta de sabedoria, de prudência e de limites, mergulha-se numa loucura sem medida, como se fôssemos donos da vida.

Jesus demonstra no Evangelho, não querer dispor de sua vida magicamente, nem pretende que ela lhe seja devida, mas a recebe como dom gratuito. Ele a recebe inteiramente do Alto, do Pai. Nisso ele se reconhece como Filho. Esta é a aposta que está em jogo hoje: reconhecer-se filhos/filhas de Deus, recebendo a vida, não como um direito do qual se possa dispor, mas como um dom precioso a ser cultivado e, pelo qual, dar graças a Deus.

Testemunhos

A artista da transcendência

Maria de Faykd é húngara, escultora notável em todo o mundo pelas suas obras repletas de espiritualidade. É a artista que, de 2003 a 2008, projetou e realizou um novo caminho da cruz, em Lourdes, mais adequado aos doentes. Cresceu numa família em que prevalecia a ciência: o pai é médico e a mãe, professora de Matemática e física. Maria, em vez, desenvolve uma paixão e um talento para a arte. Ainda muito jovem

descobre a escultura que se tornará o meio de expressão preferido por ela. Em 1975 deixa a Hungria e, na França, frequenta a Escola Nacional de Belas Artes e contemporaneamente na Sorbone, estuda filosofia e metafísica.

O novo caminho da cruz, por ela realizado, é composto de dezessete esculturas que percorrem o caminho de Cristo, da Paixão à Ressurreição. A própria Maria, explica: “Para mim, trabalhar esta matéria significa ir além da própria matéria, pois, não vejo tanto o objeto em si, mas, sobretudo, deixo-me transportar pelas sensações e por aquilo que percebo, modelando o mármore. A minha fonte de inspiração é certamente a espiritualidade; sou cristã, então, reconheço-me no amor de Deus encarnado em Jesus”.

Amarelinho: o repórter do povo

Renato Costa foi comentarista, vendedor, auxiliar de secretaria, hoje, em Floriano (Brasil), é apenas **o repórter amarelinho**, o jornalista mais conhecido da região, da **Rádio Difusora**. Sua jornada inicia-se às cinco horas da manhã; com sua moto percorre a cidade, sobretudo as diversas periferias. Trabalha com uma pequena máquina fotográfica e um gravador. Renato Costa é um exemplo de jornalismo de estrada: procura notícias andando entre o povo.

Numa época de crise do jornalismo e da ética, **Amarelinho** tem as ideias claras: “A vida privada pertence à pessoa, a notícia pertence ao povo. Escuto a todos independentemente da religião, das ideias políticas, da posição social. Não me agradam injúrias, mentiras e fofocas. Eu não vendo serviços e não aceito dinheiro de nenhum partido político”.

EM BUSCA *Horizonte família*

Amoris laetitia: a sinfonia do amor conjugal

Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

No dia oito de abril de 2016 foi publicada a exortação apostólica “**Amoris laetitia**”, a alegria do amor, que o Papa escreveu “sobre o amor na família”. O documento encontrou a acolhida entusiasta de quem espera na mudança, e as críticas de quem quereria a aplicação pura e simples, da doutrina. Estes últimos se sentiram dominados pelo medo de concessões ao relativismo, individualismo, à permissividade. Comentaram a exortação criticando sua descontinuidade ou forçando sua continuidade com a doutrina de sempre, e fecharam os olhos sobre as ‘coisas novas’ que, em vez disso, a exortação anuncia, com uma leitura mais aprofundada do Evangelho: “Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas vós não podeis entender agora. Estas coisas vos dirá o Espírito da Verdade; Ele vos guiará a toda a verdade” (Jo. 16, 12-14).

■ Encontro, comunicação, unidade conjugal

Entre os diversos temas tratados na exortação, ressalta o estado conjugal. Diante da histórica existência do Magistério sobre todo o núcleo familiar e sobre a procriação, o Papa Francisco traz à luz a centralidade do casal, ou seja, do homem e da mulher, que se amam e se prometem amor, cuidado recíproco, fidelidade. O Papa torna a partir da atenção de João Paulo II com a família, para depois deter-se sobre o eu e sobre o tu que constituem o nós, fundamento tanto do núcleo familiar que brota da sua promessa, quanto da procriação. O Papa se estende até a auto-crítica: “muitas vezes apresentamos o matrimônio de um modo tal que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda recíproca ficaram na sombra para um acento quase exclusivo posto no dever da procriação” (AL 36).

O Papa Francisco põe acentua o encontro, a comunicação e a unidade conjugal: É o encontro com um rosto, um “tu” que reflete o amor divino e é “o primeiro dos bens, uma ajuda adaptada a ele e uma coluna de apoio” (Sr. 36, 26), como diz um sábio bíblico. Ou também, como exclamará a esposa do *Cântico dos cânticos*, em uma estupenda profissão de amor e de doação na reciprocidade: “O meu amado é meu e eu sou dele [...]”. Deste encontro que cura a

solidão surgem a geração e a família” (AL. 112-1).

Precisamente o *incipit* nos diz que se trata de uma ‘sinfonia de amor cristão’, que valoriza a atração natural entre o homem e a mulher e então a paixão, o éros, como o Criador quis que fosse, e que inscreveu na diferença sexual das suas criaturas.

Este aspecto, até agora encoberto nos documentos pontifícios, foi anunciado já por Bento XVI na *Deus caritas est*, em que se lê: Mesmo quando o éros inicialmente é mais cobiçoso, ascendente – fascinação pela grande promessa de felicidade – ao aproximar-se do outro colocar-se-á sempre menos perguntas sobre si mesmo, procurará sempre mais a felicidade do outro. Assim, o momento do ágape se insere nele; caso contrário, o éros decai e perde a sua mesma natureza. Por outro lado, o homem não pode viver exclusivamente no amor oblato, descendente. Não pode sempre e somente doar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele próprio recebê-lo como dom. Certamente o homem pode – como nos diz o Senhor – tornar-se fonte da qual brotam rios de água viva (cf Jo 7, 37-38) Mas, para tornar-se tal fonte, ele mesmo deve beber, sempre de novo, naquela primeira e originária fonte que é Jesus Cristo, de cujo coração transpassado brota o amor de Deus (cf Jo 19, 34)” n. 7.

Nesta perspectiva, tudo aquilo que diz respeito ao amor carnal assume uma luz nova e positiva.

A concreção é uma característica importante de toda a exortação: o beijo, a carícia, o abraço não são somente satisfação egocêntrica dos impulsos instintivos, mas constituem também um propulsor do dinamismo posto no ato da natureza para o amor altruísta, o amor doação. Cada um dos dois, sustentado pelas boas intenções, faz o seu caminho flutuante – entre gratificações e obstáculos à comunicação – que convida a aprofundar o sentimento amoroso orientando-o para o amor absoluto, ao ágape, como está indicado por São Paulo no sempre novo hino à Caridade (1 Cor 13, 4-7).

■ Acompanhar. Discernir e integrar

Na ótica da valorização do éros podem-se entender as reflexões subsequentes sobre as famílias irregulares. O Papa não parte da intenção de uma concessão do “desejo

desenfreado de novidade, nem da necessidade de alargar a base dos ‘frequentadores’ da Missa, mas do evangélico desejo de uma Igreja que estende a mão, acolhe a todos e favorece, acompanhando o percurso de cada um, rumo ao amor divino.

A opinião pública esperava um pronunciamento importante sobre as situações chamadas “irregulares”, entendidas como tais por não responder plenamente ‘àquilo que o Senhor nos propõe’.

O Papa, antes de tudo critica uma linguagem que de per si seja exclusiva dado que, diante de Deus igualmente, se bem que em medidas diferentes, somos todos pecadores: Nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada de uma vez para sempre, mas requer um gradual desenvolvimento da própria capacidade de amar (...). Todos somos chamados a manter viva a tensão rumo a algo que vá além de nós mesmos e dos nossos limites”. (AL 325). Acolhe-se assim o convite a pôr de lado a distinção entre ‘regular’ e ‘irregular’, que nos faz sentir em ordem com a nossa consciência e induz a julgar aqueles que não estão vivendo conforme às regras: ninguém é perfeito e ninguém está condenado e excusado, sem remédio. Quando se fala de famílias irregulares acaba-se por colocar em uma categoria abstrata e em regras universais, uma multiplicidade de situações diversas entre si, como é diversa a história de cada pessoa: “devem ser evitados – lê-se – juízos que não levam em conta a complexidade das diversas situações, e é necessário estar atentos ao modo com que as pessoas vivem e sofrem devido às suas condições”

(AL 296). Assim, porque o ‘grau de responsabilidade não é igual em todos os casos’ as consequências ou os efeitos de uma norma não necessariamente devem ser sempre os mesmos, nem mesmo pelo que diz respeito à disciplina sacramental, a partir do momento em que o discernimento pode reconhecer que, em uma situação particular não existe culpa grave (AL 300). Em outros termos: “o que faz parte de um discernimento prático diante de uma situação particular não pode ser elevado ao nível de uma norma” (AL 304).

A exortação convida a refletir sobre três verbos: “acompanhar, discernir e integrar”. Sentia-se a necessidade de um olhar da

Igreja, positivo, e não lamentoso, e crítico sobre os desconfortos das famílias, de sentir a Igreja próxima à realidade concreta das mulheres e dos homens, sem, com isso, renegar o ideal alto e nunca alcançado pela família, imagem do amor trinitário, mas acompanhando o percurso acidentado de quem vive situações complexas e traumáticas, e tem particularmente necessidade de uma mão fraterna, de uma Igreja que se faça próxima de todos, não descartando ninguém, muito menos em nome de Deus: “A Igreja possui uma sólida reflexão acerca dos condicionamentos e circunstâncias atenuantes. Por isso não é mais possível dizer que todos aqueles que se encontram em qualquer situação chamada “irregular” vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante. Os limites não dependem simplesmente de uma eventual ignorância da norma. Um sujeito, mesmo conhecendo bem a norma, pode ter grande dificuldade para compreender os ‘valores contidos na norma moral’ ou se pode encontrar em condições concretas, que não lhe permitem agir diversamente, e de tomar outras decisões sem uma nova culpa” (AL 301).

Nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada de uma vez para sempre, mas requer um gradual desenvolvimento da própria capacidade de amar”

(Papa Francisco)

Trata-se, então, de uma rejeição da doutrina sobre o matrimônio sacramental? Não, porque, a aproximação às famílias, a atenção a cada caso não comportam o encorajamento à “ética da situação” e ao “individualismo ético”,

O Papa quer sublinhar a necessidade de conjugar a verdade com a caridade e a misericórdia, sem as quais a verdade é um cabresto.

EM BUSCA **# Mulher**

Paolo Ondarza

Paolo.ondarza@gmail.com

Os efeitos do feminismo na sociedade contemporânea

“Deus criou o homem à sua imagem; masculino e feminino os criou”, a base da antropologia inclusa no Gênesis revela uma verdade fundamental que hoje, como no passado é, às vezes, ignorada e banalizada, negada e aviltada: a igual dignidade homem-mulher.

Somente juntos o homem e a mulher constituem o gênero humano – dizia João Paulo II na *Mulieres Dignitatem* – e a imagem do Criador está impressa na união de suas diversidades.

O não reconhecimento de tal reciprocidade é causa de desequilíbrios, contraposições, reivindicações e prevaricações. O antagonismo homem-mulher é hoje uma questão que está longe de ser resolvida: explicou-a o Papa Francisco quando, definindo a teoria *gender* “expressão de uma frustração que visa a cancelar a diferença sexual porque não sabe mais confrontar-se com ela”, acentuou a dupla necessidade de se fazer mais para promover a mulher e favorecer a aliança homem-mulher.

A **Susy Zanardo**, docente de Filosofia Moral na Universidade Europeia de Roma, perguntamos: *em que mudou a questão feminina hoje com relação ao passado?*

“O feminismo é um movimento variegado. Nele distinguem-se três ondas: o feminismo emancipatório – surgido na metade do século XIX, e mais recentemente continuado no feminismo de Estado – promove *igualdade entre o homem e a mulher* com ações políticas afirmativas (por exemplo *le quote rosa*); o feminismo da diferença, a partir dos anos ‘60’ e ‘70’, defende a riqueza da *diferença feminina* e elabora uma ordem simbólica e um espaço político para que as mulheres possam expressar-se, sem passar pela mediação masculina; enfim, o feminismo

ligado aos *gender studies* considera a diferença sexual como uma construção social e um obstáculo no caminho da igualdade dos gêneros. A superação do binarismo sexual conduz, nas versões extremas, à multiplicação e *liquefação dos gêneros*. O impulso à indiferenciação cultural do masculino e do feminino acaba, paradoxalmente, por reproduzir, sob os despojos do gênero, o domínio do neutro do qual as mulheres haviam se libertado com muita fadiga. Atualmente o influxo dos *gender studies* é *dominante*; todavia, o feminismo da diferença fica sendo um lugar de reflexões fecundas com o qual, a meu ver, é oportuno confrontar-se”.

O estereótipo da mulher submissa e do homem dominador é justamente contestado, mas com a pretensão de resolver um conflito, chega-se a uma não solução, à negação da diferença sexual. O que quer dizer promoção da mulher nos tempos do gender?

“As mulheres não tiveram tempo para sair do patriarcado e dos seus dispositivos repressivos, e se encontraram subitamente sujeitas à lei da prestação, da eficiência, da performance. No fundo, o abandono da diferença sexual deixa lugar a uma forma de individualismo no qual ‘cada um é igual a cada outro’ porque portador de direitos a serem consumados privativamente. Neste contexto promover as mulheres (e os homens) significa dar sentido e espessura, palavras e textura à própria experiência corpórea e relacional. Ser uma mulher (ou um homem) é um dado, mas é também um mistério, porque o corpo humano nunca é simplesmente orgânico e funcional, mas traz a marca do infinito, o sopro de Deus. Por isso, a diferença nunca acaba de gerar sentido. A pergunta em que nos concentrar, é a seguinte: decidimos negar a diferença sexual ou a traduzimos em cultura e em horizonte de sentido?”.

A emancipação feminina foi muitas vezes associada às lutas em favor do assim chamado direito à Saúde reprodutiva (anticoncepcional, aborto, etc.). A maternidade nesta ótica parece mais um fardo do que um aspecto característico da identidade feminina e uma responsabilidade a ser compartilhada com os homens. Você acredita?

“O feminismo das teorias gender está certamente ligado ao controle da fertilidade, não apenas no sentido da negação da maternidade, mas também no da escolha livre e solitária a fim de reproduzir para além do vínculo natural. De fato, na cultura atual, está em ato uma dissociação crescente entre sexualidade e geração, por meio das técnicas de fecundação assistida que redesenham os cenários da filiação. Se, por um lado, a sexualidade foi separada da geração, mediante o uso dos contraceptivos, por outro lado, chegou-se a aceitar a *procriação sem sexualidade*, por meio da separação entre liame conjugal e geração dos filhos (na fecundação heteróloga) e entre geração dos filhos e cuidado dos filhos (na barriga de aluguel ou na doação de espermatozóides ou óvulos). Da parte feminina, deseja-se procriar prescindindo do liame com o pai da criança; da parte do homem, existe a vontade de apropriar-se da criatura que ela traz no seio, seio do qual ele paga o uso – na prática da barriga de aluguel. Esvazia-se a figura paterna e, ao mesmo tempo, começa também a se desprender a função materna do corpo da mãe. A parte mais crítica da questão gender está propriamente ligada à geração”.

A batalha pelos direitos das chamadas minorias sexuais aposta na vantagem dos direitos das mulheres?

“Nos *gender studies* os indivíduos não entram no jogo social como homens e mulheres, mas como beneficiários de direitos sexuais e reprodutivos. Segundo esta perspectiva, ‘cada um é igual a cada outro’, porque mais radicalmente é gênero em si mesmo. Na realidade, esta cultura penaliza de vários modos, as mulheres. O mesmo termo mulher desaparece dos documentos internacionais e da literatura científica, sugado pelo “gênero” neutro (igualdade de gênero, violência de gênero, discriminação de gênero), como se “mulher” fosse uma palavra ainda escandalosa para se pronunciar. Em segundo lugar, as mulheres são reduzidas à função reprodutiva. O útero a ser alugado é a manifestação mais espantosa disso, bem como o perigo do rebaixamento do nosso nível de civilização. Sem contar que os direitos reprodutivos são modelados sobre o rosto da pessoa ocidental rica, diante de uma massa de mulheres

pobres e invisíveis, de cujo corpo (e de cujas criaturas) querem se apropriar”.

Falando da “mulher” contextualmente no tema gender, em nível global ficam não resolvidos grandes desafios como os direitos negados em alguns países onde, por exemplo, é vigente a lei islâmica. Em outros contextos, também no ocidente, permanece uma concepção de inferioridade da mulher e registram-se frequentes casos de abusos e violências. É difícil, pois, fazer morrer o padrão de mulher descartável, e se assiste às vezes passivamente, à mercantilização do corpo por meio da prostituição, da pornografia ou a barriga de aluguel. Com que aproximação enfrentar tão amplo leque de problemáticas?

«Penso que seja indispensável uma mudança de cultura, em cujo centro não esteja a solitária afirmação de si mesmo, mas o cuidado comum com o mundo e, em particular, com os pequenos do mundo. Deveríamos promover práticas relacionais que respeitassem o limite da sexualidade e a indisponibilidade do outro. Se pensamos bem, a diferença sexual representa o lugar privilegiado onde se adquire a consciência positiva do limite e onde se encontra o mistério do outro. Creio por isso que a “questão do nosso tempo”, aquela que pode elevar o nível da civilização, esteja precisamente na relação com o outro sexo (nas profissões, na política, na Igreja, etc.) Em um tempo de fragilidade dos liames, ocorre também tornar confiável a *aliança simbólica*, uma aliança entre dois seres humanos que são capazes de enfrentar-se um ao outro, mas também de cruzar os seus olhares em pé de igualdade».

Em nível educativo, como propor às novas gerações o tema da promoção da mulher? É possível falar ainda de natureza complementaridade-reciprocidade homem-mulher?

«Parece-me prioritário ensinar às jovens e aos jovens a tomar contato com as próprias vivências profundas, a nomear o que experimentam e o que os assusta, para aprenderem a dominar o mundo emotivo e colocar um limite e dar uma tarefa à própria liberdade. É importante fazê-los compreender a densidade e a espessura relacional do corpo. Aprende-se assim que o

homem e a mulher são o sinal, um para o outro, de uma palavra imprevisível: (a) a sua vida fisiológica tem ritmos e qualidades específicas – a sexualidade dela é cíclica e se prepara ao tempo longo e pleno da gestação, a dele é breve e intensa, passa pela aceleração do desejo; (b) diferente é a contribuição na geração – a mãe carrega o filho (como *outro na mesma*), o pai não o carrega, mas o espera, (como ele mesmo *em outro*); (c) diferente é o ter nascido mulher de mulher (o que implica um nível de identificação com o corpo que gera) ou homem de uma mulher (que acentua o sentido da alteridade). O corpo tem uma pedagogia própria que vale a pena escutar.

EM BUSCA *Focus*

Sabes assobiar?

Elena Rastello

elenarastello@cgfma.org

Sabes assobiar?... e o coração de Bartolomeu Garelli é interceptado! Uma pergunta que fez sorrir o rosto do menino e tornou o coração de Dom Bosco mais próximo e amigo. Uma pergunta que brotou do amor educativo de um padre que marcou a história e que é conhecido pelo “oratório”, obra matriz e síntese do coração apostólico de Dom Bosco, fruto maduro dos seus esforços, como afirmou Dom Egídio Viganò, em 1988.

Aquele “Sabes assobiar”, em Mornese se tornará a presença de Maria Mazzarello que *“atraía as jovens como o ímã atrai o ferro”* e que havia compreendido bem o segredo do oratório como a arte de *“fazer-se querer bem pelas jovens”*.

Um pátio onde Dom Bosco desafiava e vencida os jovens do oratório na corrida, ele que tinha cinquenta anos nas costas, corria e vencida! Ele ia adiante até a temeridade, queimava a sua vida em todos os frentes para levar um só coração a Deus. Um pátio, Dom Bosco e as suas visões! A Patagônia e as planícies argentinas, os Andes e a Terra do Fogi, espaços imensos e trabalho incessante, riscos e aventuras, coragem e

firmeza, homens e mulheres que atravessaram o oceano com um grande ideal no coração! Visões, não miragens; promessas, não palavras ao vento: sonhadores que iriam gastar a vida com os jovens pelo ideal do Evangelho.

Dom Bosco e Maria Domingas sabiam inflamar a existência de sentido e desencadear os jovens a enfrentar qualquer sacrifício, para levar um coração a Deus: criatividade, jogos, espetáculos, sonhos escritos nos corações! Eles amavam os jovens e os atraíam: com eles abriam caminhos novos, buscavam soluções, confiavam neles. Não tinham medo dos jovens, da sua energia, de suas ideias, de suas revoluções: eram mais jovens do que eles, um passo à frente deles! Dispostos a mudar, prontos a qualquer fadiga, jovens para sempre, para além das leis da natureza: atraíam pela plenitude do amor sobrenatural! Que ardia em seus corações. “Basta que sejais jovens para que vos ame muito”: é voltar a privilegiar os jovens, é abrir os seus corações, é gostar daquilo que eles gostam! Um homem e uma mulher e tantos outros e outras com eles que, amando os jovens, fizeram-se santos, descobriram o caminho de fazer-se santos amando o que agrada aos jovens.

O pátio é o lugar do desafio educativo, da explicitação do amor pastoral até a consumação total, pelos jovens. O pátio, que hoje é: a estrada, a praça, o encontro, o contato, a periferia, a palestra, a aula, a casa; é um pátio que acolhe e convida a sair, um pátio que intercepta a vida, as perguntas, as exigências, as fadigas, as confusões, os “sim” e os “não” de crianças, adolescentes e jovens.

O estilo de relação e o pátio onde ainda, no mundo, exercitamos a nossa predileção pelos jovens, aquele procurá-los e alcançá-los lá onde estão, onde se movimentam, onde procuram, vivem, respondem, acreditam: lá o *coração oratoriano* vibra, vive e expressa aquela atitude pastoral característica que qualifica o dinamismo permanente de cada presença, obra, ambiente educativo de Dom Bosco e de Madre Mazzarello.

Uma demanda e o pátio que marcam uma comunicação por escolhas operacionais, concretas, de comunidades educativas apaixonadas, que colocam a educação na

raiz do seu saber, do seu agir, do seu trabalhar juntos com humildade e confiança.

Sabes assobiar?, o pátio e aquele *da mihi animas* dito com a vida, conjugado com a bondade do coração que atrai os jovens, que fala de Jesus mesmo quando não o conhecem: aquele Jesus bom, manso e humilde de coração, rodeado de crianças e contente por estar no meio delas.

É uma reflexão séria que o CG XXIII nos entregou solicitando restituir ao oratório sua identidade original, reproduzindo concreta e integralmente o Oratório-Centro Juvenil, a partir do contado espontâneo, genuíno, livre, amigável, participativo entre os jovens e os/as educadores/as

“O Oratório-Centro Juvenil é o lugar privilegiado da experiência missionária e vocacional”.

■ O coração Oratoriano e a “*Evangelii Gaudium*”

O coração oratoriano está em plena sintonia com a exortação apóstolica “*Evangelii Gaudium*” (cf. n. 46-49): é belo e encorajador perceber esta assonância, tipicamente evangélica, quando o Papa Francisco apresenta a Igreja como uma mãe de coração aberto, que sai em direção aos outros para chegar às periferias humanas. Isto não quer dizer correr rumo ao mundo juvenil sem uma direção e sem sentido. Muitas vezes é melhor ralentar o passo, deixar de lado a ansiedade para olhar nos olhos e escutar ou mesmo renunciar às urgências para acompanhar quem ficou às margem da estrada. Às vezes é um coração que permanece aberto, de modo que, o filho pródigo, quando voltar, possa entrar sem dificuldade. E se alguma jovem se aproxima procurando Deus, não vai deparar com a frieza de uma porta fechada: todos podem fazer parte da comunidade eclesial. A participação à vida sacramental não é um prêmio para os perfeitos, mas um generoso remédio e um alimento para os fracos, com as consequências pastorais que somos chamados a considerar, com prudência e audácia, como “facilitadores da graça”. Assim o pátio se torna ‘casa do Pai’ onde há lugar para cada um/uma jovem com sua vida tal como é.

Em sintonia com a “*Evangelii Gaudium*”, o coração oratoriano é ‘dinamismo missionário’

para chegar a todos, privilegiando – segundo o Evangelho – não tanto os amigos, os próximos, os ‘bons’, mas sobretudo os pobres e os enfermos, aqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, aqueles que não têm com que retribuir. Assim como os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, assim também os jovens pobres, abandonados, sozinhos, em risco, excluídos são os privilegiados do coração oratoriano: o anúncio do Evangelho está voltado gratuitamente para eles, como sinal do Reino que Jesus veio trazer.

O ‘coração oratoriano’ sempre sai de si, rompe esquemas de preguiça, de medo, de seguranças, comodidades e indecisões, sai para oferecer a vida de Jesus Cristo a todas as crianças, os adolescentes, os jovens de culturas religiosas, etnias diversas. O coração oratoriano sai, encontra, envolve-se, comunica, age, toca sem envergonhar-se diante das feridas de quem sofre... porque está santamente inquieto e preocupado em consciência, pois tantos/as jovens vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Lá fora há uma multidão faminta, e Jesus nos repete sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer».

“A força profética do coração oratoriano torna as comunidades educativas mais audazes, criativas, flexíveis”.

■ Kairós oratoriano

Estamos convencidas de que devemos ajudar-nos a redescobrir a força transformadora da educação. Não é alternativa à evangelização e nem mesmo instrumento para a evangelização ou de evangelização: é uma dimensão sua irrenunciável e uma condição para restituir ao Evangelho o dom de ser Boa-nova para a vida e a esperança. Somos testemunhas e herdeiras desta preciosa história do coração oratoriano que alcançou tantos povos. Estamos certas de que Deus, por meio das filhas e dos filhos de Dom Bosco e Maria Domingas, continua a chamar homens e mulheres para que, com o seu sim, empenhem-se na aventura de viver o *Da mihi animas coetera tolle* em resposta aos desafios do mundo hodierno. Somos chamadas a compartilhar este dom com

aqueles que desejam entrar na “tenda da Família Salesiana”, onde encontramos os jovens. Trazemos no coração o desejo de que as jovens de hoje, bombardeadas por tantas propostas de vida, possam encontrar, na opção do coração oratoriano, o caminho para a busca de um sentido, pelo qual valha a pena doar-se a Jesus Bom Pastor, a fim de que arda o seu amor no mundo juvenil.

Cento e setenta e cinco anos de coração oratoriano... É Deus que nos permite viver o *kairós oratoriano*, tempo de graça que realiza encontros, reúne rostos e nomes, que abre capítulos de vida nova que animam a economia, a gestão consciente e responsável dos bens da casa comum, os direitos das pessoas e dos povos: lá onde vibra o coração oratoriano, escancaram-se horizontes de bem. É uma preciosa herança a ser explorada e da qual partir novamente, conscientes de que o pulsar do nosso coração é para os jovens e, pela sua vitalidade somos constantemente renovadas em nosso *ir aonde quer* que Cristo nos envie, como irmãs e mães da humanidade jovem. Com coragem, radicalidade e humilde acompanhamento.

“ O Oratório-Centro juvenil é um modo de concretizar dirigindo a atenção às diversas periferias, criando solidariedade entre os jovens e dando a oportunidade de crescimento também por meio das experiências da economia solidária (Atos 74)

Projeto Oratório-Centro juvenil

Eis o teu campo, o processo de formação, reflexão e ação, que a partir das Orientações do CG XXIII, está em andamento para:

- encorajar o relançamento do OCJ, lugar de crescimento vocacional para FMA, educadores/educadoras e jovens;
- potenciar o crescimento e promover o nascimento do “OCJ em saída” para ir em busca dos jovens, como fazia Dom Bosco;
- socializar experiências e projetos inovadores, propostas criativas e boas práticas oratorianas.

A voz dos jovens

Deixai uma marca no mundo!

Gabriella Imperatore
gimperatore@cgfma.org

«Neste mundo, cada um de vós, com os seus limites e as suas fragilidades, poderá ser testemunha de Jesus Cristo lá onde vive, em família, na paróquia, nas associações e nos grupos, nos ambientes de estudo, de trabalho, de serviço, de entretenimento, em toda parte para onde a Providência vos guiar em vosso caminho» (Papa Francisco JMJ Cracóvia)

A preparação para a JMJ exigiu meses, muitos encontros, investimentos de energias e recursos: a participação foi empenhativa e intensa; e o “depois”, como foi e como será desta vez? Os voluntários do VIDES KRAKOW relatam a experiência da JMJ 2016.

■ Quando os inícios são difíceis... os frutos são mais belos

É inconcebível que milhares de pessoas provenientes das diversas Nações e diversos povos possam chegar a um lugar, único em toda a terra, ao mesmo tempo. Somente uma forte motivação pode impulsioná-los! Para toda a Jornada Mundial da Juventude a motivação era Jesus que, com o seu fascínio, reuniu em torno de si o mundo.

Como voluntários da JMJ nós nos preparamos ao evento, organizando os lugares, predispondo o material, ordenando os ambientes para a acolhida dos peregrinos em nossas escolas salesianas e, juntos, animamos o pátio para a Jornada Salesiana Mundial (SYM).

Em seguida cuidamos do aspecto espiritual da JMJ por meio dos concertos de evangelização, os momentos de oração e adoração, os retiros no Santuário da Divina Misericórdia com o título *“Para nós e para todo o mundo”*.

A JMJ 2016 foi um evento extraordinário. As palavras que o Papa Francisco dirigiu aos jovens no campo Misericordiae, em Brzegi, nos tocaram muito; palavras significativas,

verdadeiras, que permanecem no coração – assim como toda a Jornada Mundial – e transformam a tua vida.

Lembramos com simpatia o nosso caminhar rumo ao Campo Misericordiae, em Brzegi. Fazia calor, a viagem foi cansativa, mas muito bela: «Não se ouviam reclamações, apenas conversas animadas, e Cânticos. A gente da região nos surpreendia com gestos de aproximação, de acompanhamento, de testemunho de fé e de serviço. Percebia-se que tudo era feito de coração».

«Não sejais jovens que escolhem o divã, mas os sapatos» (Papa Francisco)

O Papa encorajou-nos com suas palavras e nos possibilitou descobrir coisas novas. Entendemos que a vida cômoda não leva à felicidade e que só Deus pode dar a verdadeira felicidade, colocando-nos ao serviço dos mais necessitados. Não é o dinheiro mas o tempo dedicado aos outros e a Deus que nos torna felizes. Escutar os outros pode mudar a vida porque, a pessoa que se sente acolhida e compreendida, por sua vez, ajuda os outros. Um jovem Padre relata que foi exatamente a “lógica do dom” que o levou a descobrir sua vocação: «Sou voluntário do Vides, porque experimento que oferecendo-me a mim mesmo, o meu sorriso, o amor, sou mais feliz».

«Da semana da JMJ trouxemos novas experiências relacionais, e consolidamos velhas amizades. Construímos “novas pontes”; é maravilhoso sentir que somos diferentes nas raças, culturas e línguas, mas Alguém que está muito acima de nós nos uniu, Deus».

Abraçar dia por dia toda aquela humanidade, que é e será confiada a nós, e ser para ela testemunhas confiáveis e não apenas crentes. A responsabilidade desta missão é pessoal e grupal ao mesmo tempo, pertence a nós jovens e, não menos, aos adultos responsáveis que nos acompanharam ou enviaram, antes; para estes últimos é maior!!

■ Da JMJ ao cotidiano

«O encontro dos jovens em Cracóvia tocou fortemente a nossa vida. Não queríamos que esta experiência terminasse. O desejo de continuar deu vida a diversas iniciativas nas igrejas locais. Em Cracóvia houve o concerto de Agradecimento na Arena Tauron Krakow. Um tempo para dizer “Muito obrigado!”

Também nós continuamos o caminho empreendido, participando dos exercícios espirituais para os jovens, no Santuário da Divina Misericórdia (Lagiewniki) *Fogo para*

nós e para o mundo inteiro. Foram dedicados aos sete dons do Espírito Santo, com a presença de Cardeais, Bispos e líderes das comunidades cristãs, provenientes da Polônia e do Exterior; neles vão ser apresentados movimentos e comunidades que darão o seu testemunho e compartilharão o seu carisma. Mas é a vida cotidiana o primeiro lugar em que continuaremos a JMJ. Nas nossas famílias, em comunidade, nos ambientes educativos onde vivemos o que aprendemos, procurando sair das nossas seguranças para anunciar o único motivo da nossa alegria. Jesus».

«Sejam centelhas de misericórdia»
(Papa Francisco)

Testemunho

Para nós, voluntários salesianos, a JMJ foi uma belíssima lição de fé e serviço. Expressa-o o testemunho do Padre Szornel: «A JMJ foi experiência de Deus graças ao encontro com o próximo. Ver os jovens plenos de alegria, sorridentes, ajudava-me a sentir Jesus desfrutando as nossas vidas. Éramos estrangeiros, mas quando começávamos a conversa parecia que nos conhecíamos desde o nascimento. É uma maravilha experimentar como uma Pessoa, Jesus, sabe unir os jovens do mundo todo».

Sentimos uma grande responsabilidade e, como diz o Papa, não é preciso ter medo. É preciso sair. Na missão de cada cristão, e portanto também da nossa, existe o objetivo de construir um mundo de esperança e de paz. (Kornelia Zamojska, Wiktoria Baron, Krytlan, Padre Szornel)

Polifonia

Liderança e vida consagrada

Anna Rita Cristaino

annarita.cristaino@gmail.com

Falar de liderança na vida consagrada nos faz pensar na função de autoridade

ou na modalidade com que este serviço é colocado em prática. Hoje, em muitos campos de ação, a autoridade é colocada em discussão e, no que diz respeito à vida consagrada, refere-se diretamente ao voto de obediência. O modelo tradicional de exercício da autoridade está em crise e, lentamente faz caminho um modelo novo que ainda não emerge com clareza. Os modelos emprestados de outras organizações parecem sempre mais parciais e precisam de um contínuo diálogo com os valores evangélicos.

■Trabalhar bem “com” e “por meio” de outras pessoas

São tantas as definições dadas à palavra liderança. Henry Kissinger, secretário de Estado dos Estados Unidos (1973-1977) definiu-a como “a arte de levar as pessoas a um ponto em que nunca teriam chegado sozinhas”. Trata-se de um trabalhar bem “com” e “por meio” das outras pessoas.

A questão da liderança apela imediatamente à questão relacional. A crise das relações e a necessidade do encontro verdadeiro e de comunhão, perpassam todos os âmbitos da vida e nos dizem que as nossas relações deveriam tornar-se lugar e laboratório para o exercício do reconhecimento do outro, de diálogo verdadeiro, de corresponsabilidade. A respeito disso, hoje cruzamos com alguns desafios culturais: a necessidade de fazer emergir o primado da pessoa sobre as estruturas, as ideias, as lógicas da política ou da economia; a necessidade de construir o sentido da pertença por meio da participação, do diálogo e da valorização de cada um; o reconhecimento da sacralidade de cada pessoa. As relações humanas e a própria relação de obediência, jogam entre o respeito e a decisão, entre a acolhida e a responsabilidade, entre busca da dignidade humana e abertura à graça e ao chamado de Deus. Isso passa também pelos conflitos. A obediência religiosa e os esforços para discernir e buscar a vontade de Deus, precisam nutrir-se de uma antropologia cristã renovada. A obediência, na realidade, é um exercício de verdadeira inteligência e liberdade interior.

■Algumas perguntas

Em nossa realidade contemporânea, que tipo de liderança contribui melhor à mediação de significado na vida religiosa hoje?

De que modo a liderança pode promover e sustentar o carisma de fundação, os valores e o empenho para promulgar a presença de Cristo no mundo?

Falamos de liderança como aquele processo através do qual os líderes medeiam o significado, isto é, o modo com o qual o Carisma e os valores do grupo são atualizados em e através de todos.

Alguns autores reconhecem dois elementos críticos para a liderança. Os líderes são pessoas nomeadas ou eleitas numa fase precisa da história de uma família religiosa. A liderança não reside nem nos líderes, nem em si mesma, mas sim nas relações dinâmicas que se criam e se desenvolvem entre os líderes e os membros. A característica primária e mais profunda da liderança é a sua qualidade relacional. Por meio da relação, os líderes estimulam o desenvolvimento do Carisma entre os membros, e facilitam a vivência autêntica do seu desempenho. Uma das consequências de uma vivência autêntica é que os membros são habilitados a assumir papéis futuros como líderes. Quando se torna difícil encontrar líderes que saibam assumir responsabilidades, sugem os pontos críticos que devem ser levados em consideração.

“Os líderes geram outros líderes e é deste modo que a liderança se torna processo compartilhado e comunitário”.

A realidade ensina que nem sempre aquele que se mantém num certo cargo, demonstra ser líder. Manter um certo cargo ou posição é algo de inerente ou estático, é um dado. A liderança, em vez, é essencialmente dinâmica. O líder somente o é quando prossegue no comando, quando os outros o seguem, isto é, quando há *follower* (sequazes). Deve existir uma interconexão entre os membros e o líder em todos os níveis para que a liderança aconteça, seja capaz de mediar elementos de transcendência e de alteridade, de facilitar aos membros a consecução dos objetivos da sua consagração na realidade cotidiana.

■ **Liderança elou Management?**

A palavra “management” deriva da palavra latina *manus* e indica o tomar nas

mãos, dia por dia, assuntos administrativos. O *management* implica o controle, a direção de uma operação: produzir, inovar, ativar. Segundo Loredana Abate, autora de artigos e reflexões sobre a liderança na vida consagrada, o *management* inclui ordem, controle, certeza, respostas, planejamento articulado e análise dos desafios e dos problemas. A liderança, em vez, tende a envolver sentimentos, abertura, criatividade, intuição, quesitos, e a capacidade de gerir a ambiguidade. O líder não deve exercer um papel, mas interpretá-lo segundo traços e estilos de ações diferentes, nas quais a pessoa completa os seus percursos de racionalidade e afetividade no complexo da organização. A tarefa da liderança de um grupo religioso é aquela força que, dentro de uma Congregação, estimula as energias espirituais e psíquicas dos membros, para prosseguirem em seus anseios pelo Reino de Deus. Todo líder deveria trazer, tanto a responsabilidade da visão quanto da administração.

Mesmo reconhecendo a complexidade e os desafios da liderança religiosa, pode-se porém pensar em uma aproximação integrada pela liderança e pelo management. A aproximação integrada pode ser entendida como uma atenção conjunta em ambos os aspectos: gestão administrativa da realidade presente e concentração na criação do futuro das comunidades.

«A tarefa primária dos líderes, oficialmente nomeados, é salvaguardar o futuro de uma organização. O desafio para os líderes no hoje da vida religiosa é integrar mais plenamente as tarefas da liderança e da gestão. Os líderes devem ser pessoas realmente capazes de autoridade espiritual, preocupadas com o caminho dos próprios irmãos/irmãs; autoridades construtoras de unidade, capazes de colher o valor da diversidade presente nas próprias comunidades, enfim, devem saber tomar decisões concretas e assegurar a sua execução; capazes, se necessário, de autêntica e benévola correção».

Toda autoridade na comunidade cristã e em particular na vida consagrada, não é um exercício qualquer de poder, é um modo de atuar o seguimento d'Aquele que disse ter vindo *“não para ser servido, mas para servir”*»

Comunicar bem é um empenho

■ **Maria Antonia Chinello**
mac@cgfma.org

Comunicar é uma condição vital absoluta. Não só. A atitude de comunicar, ligada a fatores antropológicos fundamentais, é um dado de fato em todas as culturas e civilizações. A comunicação é o fenômeno mais vistoso e compartilhado.

Hoje entendemos que é urgente uma “conversão cultural” para seguir o passo de uma realidade que está em contínua evolução e que, por sua vez, torna-se motor de uma mudanças global igualmente ininterrupta; para encontrar um modo eficaz de confrontar-se e entrar na nova cultura; para integrar o nosso pensar e operar nas linguagens e nos estilos de comunicação e, enfim, para ajudar a amadurecer uma mentalidade crítica e criativa em confronto com as mensagens, linguagens, atitudes, comportamentos que nós “significamos” e que os outros, por sua vez, “significam”, e que são interpretados para serem compreendidos.

Vivemos uma época maravilhosamente rica e, ao mesmo tempo, carregada de responsabilidades em nível pessoal e comunitário. Um tempo de confronto, em que nos percebemos participantes de uma aventura complexa e fascinante que é a de “dizer Deus” ao homem e à mulher contemporâneos, de falar d’Ele aos jovens e às jovens de cada meridiano e paralelo, de comunicar, hoje, a Igreja, o dom e a missão do nosso Instituto, a sua história, as escolhas, o empenho em favor dos pequeninos e das mulheres, de quem está marginalizado e dos que não têm voz, as suas provocações e os seus protagonistas.

■ Comunicar é a base. Mas quem lhe está à altura?

Este ano, nesta rubrica, tencionamos refletir e explorar modalidades e estratégias

de comunicação aplicáveis ao mundo das nossas inspetorias, das nossas escolas, dos nossos centros de formação e promoção. Nós o faremos confrontando-nos com alguns nós críticos da comunicação, que podem interessar à vida das nossas comunidades, como daquelas comunidades cristãs à quais pertencemos.

As perguntas que gostaríamos de responder são as seguintes: *existe uma ligação entre comunicação e organização? Como gerir a comunicação dentro e fora das nossas obras? Quais canais e estratégias adotar para informar eficazmente, fazer-nos conhecer e sermos incisivos no território?*

A comunicação social impõe desafios às nossas comunidades, às nossas obras, ao nosso Instituto, à sua vida e à sua formação: repensar a nossa presença dentro desta cultura de cruzamento midiático (*crossmediatica*), ter a coragem de uma revisão séria do estilo de vida. Porém, primeiro ocorre prestar atenção em “o que comunicamos”. De fato, sabemos muito bem que se pode transmitir muitíssimas informações e conhecimentos por meio das novas tecnologias, mas é também verdade que “comunica-se aquilo que se é”. Não é questão (apenas) de ver quais meios utilizamos, a que linguagens recorremos, com que cultura comunicamos. Podemos, com efeito, ser especialistas e estar profissionalmente preparados; mas, ao mesmo tempo, podemos comunicar a nossa mediocridade e mesquinhez, ou a nossa coerência e honestidade.

“A comunicação social é a nova forma global de amor ao próximo e ao povo”
(Alberto D’Auria).

■ Comunicar o carisma

O que estamos comunicando como presença dedicada à educação dos jovens, das jovens mulheres, dos pequenos e dos migrantes, dos últimos e das periferias? O que dizemos com o nosso estilo de vida e com as nossas escolhas? Comunicamos que a nossa vida é escolha radical de Deus e do Senhor Jesus Cristo? Que estamos reunidas em torno do Pão da Palavra e do pão da Fraternidade? Que os jovens são a “nossa” missão, e que a escolha privilegiada são os mais pobres entre os pobres, e os

abandonados? Que o sentido da vida e a esperança, que a dedicação incondicional são “sinais” da beleza e do dom gratuito? Estamos comunicando o carisma, aquela resposta sempre nova ao Deus que chama e que ama?

Do ponto de vista da comunicação, isto é muito mais importante do que todos os seus sites, do que todos os perfis sociais, os blogs, as rádios e as televisões ou jornais que podemos gerir, publicar, cuidar... porque realmente, se a mentalidade não muda, também o que produzimos e as mensagens que fizermos “passar” em todos os canais, não farão outra coisa senão refletir aquilo que somos. A comunicação não é apenas feita de palavras ou de imagens, mas também de escolhas e comportamentos que implicam a coerência entre aquilo que afirmamos e aquilo que fazemos. É a “diferença” cristã. «Que mérito tendes, nos diz Jesus no Evangelho: também os pagãos fazem assim... vós, em vez disso...» e ainda «Pelos frutos sereis reconhecidos. Colhem-se, talvez, uvas dos espinheiros, ou figos dos arbustos?

Somos chamadas a assegurar a coerência entre a mensagem que se dá e a relação que se instaura, entre conteúdo e forma, entre o “como” que é tão importante quanto o “o quê”, entre o agir e o fazer, entre o ser e o pensar. «A novidade não se encontra por meio de um *lifting* de faixa – escrevia Pascual Chávez aos salesinos, mas na renovada vontade de apostar tudo e para tudo nos problemas concretos dos jovens e das nossas pobreza emergentes».

“Comunicar bem ajuda-nos a sermos mais próximos, a nos conhecermos melhor entre nós, a sermos mais unidos”
(Papa Francisco)

■ Caminhando com os tempos

A credibilidade da Igreja, como a do Instituto, obteremos por meio de um processo de aquisição de coerência e de radicalidade evangélica. A comunicação social poderá ajudar a fazer descobrir aos jovens o fascínio da vocação salesiana, e será uma forma de proposta vocacional.

O desafio diz respeito tanto à necessidade de acompanhamento dos tempos quanto à oportunidade de servir-nos da cultura digital com todo o seu leque de ofertas enchendo-os de “palavras” e “gestos” que sejam

capazes de alcançar eficazmente o maior número possível de pessoas e não apenas os que já estão convencidos e estão “do nosso lado”.

Propomo-nos a aprofundar alguns núcleos essenciais para superar “o complexo de inferioridade” que muitas vezes experimentamos, quando nos percebemos com poucos meios, e em dificuldade relativamente aos gigantes da informação, aos colossos da comunicação, às alianças de mercado que podem implantar imponentes recursos econômicos e tecnológicos.

A **comunicação institucional** de que falaremos nos próximos números, é «o tipo de comunicação realizada de modo organizado por uma instituição ou pelos seus representantes, e dirigida às pessoas e aos grupos do ambiente social no qual desenvolve a sua atividade. Tem como objetivo estabelecer relações de qualidade entre a instituição e o público com que se relaciona, para conseguir notoriedade social e imagem pública adequadas aos fins e à missão da mesma instituição».

COMUNICAR *Cinema*

Agnus Dei de Anne Fontaine

■ **Palma Lionetti**
palmalionetti@gmail.com

Não há dia em que não se realize “na obscuridade dos corpos”, para dizer com Pierre Bourdieu, aquele domínio masculino que se expressa em violência sobre o corpo das mulheres, como: o maltrato, o homicídio, o estupro.

Segundo os dados ISTAT, cerca de seis milhões e oitocentas mil mulheres sofrem durante a própria vida uma violência física ou sexual; do percentual 32% de mulheres entre 16 e 70 anos: 20% sofreu violência física, 21% violência sexual, 5% formas mais graves de violência sexual, como estupro e tentativas de estupro. E assim diariamente é “mortalmente ferida a” dignidade da mulher por trás das persianas fechadas da própria

casa, nos lugares de trabalho como nos campos de batalha.

O mensal de outubro “Mulher, Igreja Mundo”, do Osservatore Romano, é dedicado ao esturo de guerra, uma das armas mais eficazes e um tipo de violência que tem efeito imediato no hoje, e faz sentir as consequências ainda por muito tempo. A tortura de mulheres e crianças é, muitas vezes, uma arma para perpetrar genocídios em situações de ocupação, enquanto os organismos oficiais muitas vezes escondem os efeitos de uma situação real.

De um argumento delicado e espinhoso, faz-se esforço para falar, quanto mais o fazer um filme, e ainda, quando o cinema de qualidade se encarrega de relatar uma dor semelhante, o faz com moderação, evitando o sensacionalismo e, com respeito, neste caso, à sensibilidade feminina.

Não são muitos os filmes que relatam o estupro de guerra, mas um dos melhores sobre o argumento é o recente “Agnus Dei” (As inocentes), da diretora franco-luxemburguesa, Anne Fontaine. *Por que falar sobre isso? Por que dedicamos a este filme a nossa atenção?* Porque fala da mulher, porque este doloroso fragmento de história pertence também a nós e, conhecê-lo, ajuda-nos a nos sentir solidários com tantas mulheres que viveram o drama de uma maternidade não escolhida, imposta de maneira tão brutal e que escolheram, seja como for, transformar aquela semente de violência em um fruto de paz e de vida. De fato, as vítimas da violência, no filme, são Irmãs de um convento polonês, violentadas por soldados soviéticos, durante a segunda guerra mundial.

A trama

Estamos na Polônia em dezembro de 1945. Mathilde Beaulieu, jovem médica da Cruz Vermelha, responsável pelos sobreviventes franceses antes de repatriarem, é chamada a prestar socorro a uma Irmã polaca. Mathilde aceita de má vontade acompanhá-la até o convento e, ao entrar, descobre que muitas delas haviam sido violentadas pelos soldados soviéticos e que sete estavam para dar à luz. Pouco a pouco, a atea e racionalista Mathilde entra em relação com essas Irmãs, com essas mulheres que, entre a dúvida e a fé, apesar de terem experimentado todo o sofrimento de uma lancinante vergonha, escolhem, com a ajuda de outra mulher (a jovem médica) aquela maternidade incompreendida.

Uma direção refinada, mesmo se com traços um pouco gélidos como a paisagem nevada que serve de fundo ao filme, a de Anne Fontaine, que sabe penetrar nas emoções mais profundas dessas mulheres, com delicadeza e respeito.

O filme extrai a sua inspiração do diário da médica francesa Madeleine Pauliac na Polônia, e transforma o escrito seco e *cronaquístico* das notas privadas, em um relato intenso e vibrante, que se movimenta a passos lentos no espaço do convento onde o tempo parece ser imóvel «Aproximei-me da história – diz a diretora em uma entrevista – por meio dos diários da doutora Pauliac para falar desta desobediência positiva, desta jovem médica que atravessa os bosques nevados sem que os seus superiores o saibam» e trazer à luz fatos reais dos quais faz esforço para falar, deste doloroso fragmento histórico. Anne Fontaine continua: «Pessoas muito próximas ao Papa, o viram, não sei se ele, o Papa, também o viu, mas houve duas projeções no Vaticano, para religiosos, monjes, bispos; a primeira reação foi de comoção, toda a primeira fileira estava em lágrimas, e o bispo Carballo disse ser este um filme terapêutico para a Igreja. É um sinal muito claro de como a Igreja quer trazer à luz estes acontecimentos tão graves e procurar ajudar estas mulheres vítimas da violência, em primeiro lugar falando sobre elas e evitando enterrar estas histórias».

Na África e em muitos Países em guerra, pesam contínuas violências sobre as mulheres e também sobre as religiosas. Isto requer coragem de nossa parte para denunciar, dar apoio e dar voz ao grito silencioso dessas mulheres.

No filme, o convento polaco torna-se palco de confronto e de desencontro entre o instinto e a fé, a obediência e a vontade individual, a natureza e as regras. «Interessa-me relatar a coragem de rebelar-se contra a hierarquia, tanto de algumas religiosas como da jovem doutora francesa. São mulheres que têm um caráter, uma personalidade, uma audácia muito forte, moderna». E assim, a Polônia de 1945 poderia ser também a Bósnia de 1993 ou a África de hoje.

Para além das diferenças, a vitória sobre o mal com a força do encontro, da relação, da solidariedade entre mulheres, como também os diálogos sobre a fé e sua precariedade, desprovidos de retórica, tornam o filme digno de nossa atenção. O tema da violência sobre

a mulher não é assunto apenas para o dia 25 de novembro: *dia Internacional contra a violência sobre as mulheres* quando, então, torna-se apenas um título para um artigo ou uma manifestação, mas sim, faz-se empenho cotidiano na educação porque, da desigualdade à violência, o passo é breve.

«Divididas entre o ser mulher por natureza e esposa de Cristo por escolha, graças à mediação da discreta Mathilde, as Irmãs do convento com o tempo encontraram, na maternidade uma identidade e uma vocação que pode sufocar a dissensão. Paralelamente, na colaboração entre a religiosa Maria e a atea Mathilde que leva à solução final, realiza-se uma das linhas de maior sucesso da película, a que vai muito além do escândalo, denuncia, e fala a linguagem da relação» (Marianna Cappi)

É um filme de grande equilíbrio, que consegue enfrentar, com delicadeza toda feminina, um tema absolutamente terrível. E, também, se “a fé são 24 horas de dúvida e um minuto de esperança”, diz Ir. Maria, interpretada por Agata Buzek – a atriz polaca que dá densidade e intensidade à sua personagem – pela potência “daquele minuto” a fé vence e não é derrotada pelo ódio.

O que deixa triste como mulheres é pensar que “os fatos históricos nos quais Agnus Dei se inspira são ainda mais cruéis do que os que aparecem na trama do filme” e que, como declarou Lucetta Scarrafia, a propósito do filme, «é uma vergonha que deve ser cancelada... mas primero deve vir à luz!».

Então, entre o grito e o silêncio, escolhemos a palavra para denunciar semelhantes horrores, e o abraço da comunidade para acolher e sustentar a vida, sempre.

Não existe uma impermeabilidade violenta entre o mundo leigo e o mundo espiritual: existe um atravessar juntos, porque é esta a condição humana. A espiritualidade está no centro do filme. «O que mais me tocou foi isto: procurei transmitir no filme o quanto seja frágil a fé. Muitas vezes pensamos que a fé fortalece os que são permeados por ela. Não é assim. Como confidencia Ir. Maria à Ir. Mathilde no filme, é exatamente o oposto: vinte e quatro horas de dúvida para um minuto de esperança” (A diretora do filme, Anne Faoutaine),

COMUNICAR *Literatura*

Bússola de Mathias Énard

Emilia di Massimo

emiliadeimassimo@libero.it

Istambul. Teerã, Damasco, Aleppo. Cada um desses Países é lembrado através do prisma da decepção do amor que vive Franz Ritter, musicólogo orientalista austriaco, que dedicou a existência ao estudo das influências recíprocas entre a música ocidental e a oriental.

■ Ser especiais

O romance, escrito por Mathias Énard, é erudito, e poderia ser também definido como ‘sábio, e documento rico de saberes’. É apaixonante porque desenvolve um tema de grandíssima atualidade: as relações com as civilizações orientais, islâmicas, turcas, persas, sírias, apresentadas mediante a dupla história de dois amores impossíveis: a primeira entre Franz e Sarah, estudiosa das civilizações orientais, que percorre as estradas da Turquia, da Síria e da Pérsia; a segunda, entre o Ocidente e o Oriente ao longo dos variados eventos da história.

O escopo da narração – afirma o autor – é *lutar contra a imagem simplista e imaginária de um Oriente muçulmano e inimigo*..”. O amor entre os dois estudiosos, Franz e Sarah, já dura há anos e, não por acaso, serpenteia atravessando a Europa, o Irã, a Síria e a Turquia, tornando-se assim a história de um outro e atormentado amor: o amor entre o Ocidente e o Oriente, relatado por meio de múltiplas histórias de mulheres e homens europeus que, ao longo dos séculos têm dedicado suas vidas, muitas vezes perdendo-as tragicamente, ao perseguir aquela paixão que parece ser “impossível”.

A crítica definiu o livro como *“uma bússola de amor para fazer as pazes com o Islã”*. De fato, a bússola é o símbolo que dá título ao romance, e é costurada dentro de um tapete voador, como instrumento para orientar na busca do significado de uma existência dedicada ao estudo do orientalismo.

A bússola que possui Franz é paradoxal porque assinala sempre o leste, pois – afirma o autor – o orientalismo “é escavação arqueológica e sentimental no profundo da

nossa cultura, naquela aporia entre si mesmo e o outro, que é a identidade”.

Dentro do atual cenário mundial, o romance evidencia a temática do integralismo islâmico mediante uma história de amor que muitas vezes se apresenta como um tratado de geopolítica cultural, um hino contra cada destruição e enrigecimento, contanto que a polaridade nunca seja interrompida. No romance aparecem também as destruições e os assassinatos pelo Isis, então Énard sublinha o olhar ocidental sobre o Oriente enquanto as destruições e assassinatos revelam a visão que temos do Oriente, expressa por meio das experiências orientais que Franz relata, às vezes desiludido e outras vezes como se fossem verdadeiras e próprias descobertas geográficas, ou com afirmações que fazem pensar: *“Não somos seres iluminados, infelizmente. Colhemos às vezes a diferença, o outro, não nos vemos uns nos outros enquanto nos cansamos em nossas hesitações, em nossas dificuldades e em nossos erros”*. O autor afirma: *«Rudy Kipling estava convencido de que Oriente e Ocidente estavam destinados a não se encontrar nunca. Eu experimento, no meu livro, demonstrar o contrário, isto é, que se encontram desde sempre e que, provavelmente, nunca deixarão de se encontrar, apesar de todas as dificuldades e incompreensões»*. Um pouco como acontece com Franz, ocidental com ardente paixão pelos influxos orientais nas partituras europeias, e Sarah, francesa de origem algeriana fascinada pelas lendas árabes. Amam-se e se evitam, encontram-se assim há anos longe um do outro, mas não deixam nunca de enviar mensagens um para o outro. Uma noite de vigília coincide com o início do romance, simbolizando a noite entre Viena e Oriente, os capítulos, portanto, são escandidos das horas noturnas, da noite até os primeiros gorgoros da manhã, quando resta aquilo que Franz chama de *“o morno sol da esperança”*. Será, mesmo morno, mas, está sempre aceso e, como tal, é um grande dom no cenário mundial.

*Os brotos crescem graças à
disponibilidade de quem aceita
dedicar-se de coração*

“É melhor sofrer do que colocar o coração num armário” (Susana Casciani)

A história de amor de Anna e Tommaso é, na realidade, um caminho de crescimento, aquele de quem não escolhe o ressentimento, sabe começar a partir da dor, até entender que “o amor acaba continuamente, mas nunca se esgota”. A protagonista confia à expressão literária os sentimentos, as esperas, as decepções e, reconhecendo o que sente no coração, percorre um itinerário literário formativo no final do qual percebe que não é possível não amar, o amor está em toda parte, portanto é *“melhor sofrer do que colocar num armário, o coração”*, mesmo se isso possa parecer um absurdo, mesmo se nos fragilize.

Borderlife de Dorit Rabinyan

O caso literário do livro “Borderlife”, reside no componente étnico-religioso que define a relação amorosa entre um palestino e uma hebreia. Afirma a autora: “Se o jovem artista fosse italiano ou francês, ninguém teria falado disso, além disso, explica que o seu livro cutucou uma ferida aberta na maioria hebraica da sociedade israelita: “o medo de perder a própria identidade religiosa e cultural em favor de uma ideia de comunidade mais aberta e inclusiva”. Em Israel os matrimônios mistos são proibidos e as uniões têm valor somente se oficializadas por uma autoridade religiosa.

As sementes da Boa-Nova.

Comunicar esperança e confiança, em nosso tempo

Como rastrear nesta humanidade ferida pelas injustiças e conflitos amplificados pela mídia, referências à esperança?

Todos os que sabem educar-se à confiança em Deus e no homem, à esperança nas possibilidades de um futuro melhor, definem as condições para se tornarem «faróis na escuridão deste mundo», luz que revela a riqueza do poliedro da história, até fazê-la perceber-se como uma única história sagrada (Prefácio de Ivan Maffei).

O texto propõe um percurso rico e articulado sobre o tema da esperança e da confiança que o Papa Francisco dedicou à 51ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais 2017; é uma ocasião e um estímulo ao aprofundamento para fortalecer o aspecto humanístico e não instrumental da Comunicação; testemunha a renovada presença de novas possibilidades de fazer crescer os *“brotos da Boa-Nova”* precisamente por meio da comunicação que permeia e caracteriza a vida e as relações humanas.

Música para possuir ou só para escutar?

Mariano Diotto

m.diotto@iusvre.it

O ano de 1948 foi importante no mundo da música, porque foi introduzido, no mercado internacional da Colúmbia Records, o disco vinil que veio para substituir o famoso 78 rotações, primeiro tipo de disco fonográfico realizado com diversos materiais, entre os quais, o vidro ou a lâmina de metal, revestida de cera ou de resina de gommalacca.

A partir dessa data podemos afirmar que nasce nos meios musicais um novo aspecto, além daquele óbvio da escuta: a posse.

A música até agora escutava-se no rádio e nos lugares de agregação através dos famosos jukebox, ou era executada ao vivo pelas orquestras. O nascimento do novo suporte em vinil, criou uma mudança no mercado musical, porque a canção podia ser adquirida por um baixo custo e reproduzida por meio de um toca-discos ligado a um amplificador, também este comercializado por um preço acessível ao grande público: ao público não interessa mais apenas escutar a nova canção, está interessado em possuir toda a discografia do seu cantor preferido. Nasce também um novo modo de comunicar da parte da indústria discográfica que começa a investir nas imagens como suporte de uma canção, criando capas inéditas e originais para cada nova produção musical de um artista.

Com o tempo, os suportes musicais que o público gosta de possuir e conservar, mudam. Em 1963 a Philips põe no mercado os **musicassetes**, suportes de fitas magnéticas graváveis e, sucessivamente os **microcassetes**. Em 1982 vem à luz o primeiro **disco compacto** produzido numa fábrica da Philips, contendo *A sinfonia dos Alpes* de Richard Strauss dirigida por Herbert Von Karajan com a Berliner Filarmônica, enquanto o primeiro álbum musical pop a ser

estampado sobre o novo suporte foi *The Visitors* do grupo sueco dos ABBA.

■ Da música comprada à música baixada

A difusão do **compact disc** marcou uma virada nos costumes da música, em nível planetário porquanto o suporte digital permitia a memorização das canções e a sua difusão, também gratuitamente. O nascimento, em 1999 do **Napster**, programa que permitia o compartilhamento de arquivos musicais, introduziu uma primeira mudança: o importante era possuir a canção e não importava mais se o suporte fosse original ou de alta qualidade, mesmo porque o elemento mais significativo tornava-se a gratuidade.

Uma ulterior virada aconteceu com o nascimento dos **iTunes Store** da Apple que, já em dezembro de 2003 introduziu o download digital de música a pagamento, vendendo naquele ano, mais de 25000 canções. Em 2004 iTunes representava já 70% do mercado de música digital. Neste caso, para o público era importante possuir o trecho musical, contanto que fosse original e, portanto, de alta qualidade.

■ Da música baixada à música alugada

A virada definitiva no mercado musical acontece em outubro de 2008, graças ao nascimento da startup sueca **Spotify** que hoje tem mais de 40 milhões de usuários pagantes, tendo adquirido nos primeiros seis meses de 2016, cerca de 10 milhões de subscritos. O Spotify é uma software que, instalado no próprio computador ou no próprio celular (smartphone, ipad, tablet...) permite escutar em *streaming* todas as canções presentes no catálogo das maiores gravadoras musicais como a Sony, a Emi, Warner Music Group e Universal.

A escuta em *streaming*, portanto, através de um fluxo de dados transmitidos ligando-se à rede, permite uma economia de espaço físico no computador ou nos celulares, não ocupando memória e público pode ter acesso às canções gratuitamente (com diversos limites e com inserções publicitárias) ou pagar uma subscrição de 9,99 euros por mês, cifra decididamente exígua se comparada à aquisição de um único CD musical.

Esta última subscrição prevê a possibilidade de baixar no próprio computador os trechos musicais e escutá-los também sem uma conexão na internet. Toda

esta maré de trechos são automaticamente cancelados.

Além da Spotify estão presentes outras empresas que oferecem o mesmo serviço e as mais famosas são: Google Play Music, Apple Music, Deezer, Rdio, Napster, Xbox Music.

Estes novos softwares vieram para dividir o público amante da música, em duas grandes áreas: os **tradicionalistas** que adquirem ainda o vinil, o CD ou a música digital baixando-a no próprio computador, e os **progressistas** para os quais é mais importante a música em si mesma e não a posse do suporte onde está inserida.

Esta virada nas conquistas musicais comporta mudanças visíveis também nas casas dessas pessoas porque se antes para os tradicionalistas o vinil e o CD eram objetos de enfeite e os elementos identitários da própria personalidade, para os progressistas em vez, a música está toda contida dentro do computador ou num leitor multimedial, deixando portanto espaços nas prateleiras para outros objetos. Quais serão estes novos objetos? O futuro saberá dar-nos a resposta.

COMUNICAR *Laboratório Imagem*

Dialogar com os jovens por meio da fotografia

■ **Caterina Cangia**
sistem@thesistem.it

A missão carismática que vivemos em cada uma das nossas comunidades educativas tem uma indispensável prioridade: dialogar com os adolescentes e com os jovens. A educomunicação é potencializada quando procuramos ocasiões para estar juntos, ocasiões que fazem nascer o diálogo, que se desenvolvem em torno do diálogo, que reforçam o diálogo tornando-o momento de educação. Bem. Mas... a fotografia, como entra no mérito?

■ **Um percurso com quatro etapas**

Quatro modalidades sobre as quais discorreremos no decurso do ano. É fascinante refletir sobre o **fotografar as pessoas para que possam dialogar com quem as olha**, porque a focalização das fotos de sujeitos de todas as idades e condições, realizada em ambientes naturais ou no estúdio, tem necessidade de sugestões para que seja portadora de uma mensagem que faça dialogar os adolescentes e os jovens tanto como fruidores da mensagem quanto como autores. Agora, se fotos tomadas de surpresa forem espontâneas e verdadeiras, saber instaurar uma espécie de cumplicidade com as pessoas a serem fotografadas permite superar a sua rigidez, encorajá-las a colaborar para o sucesso da mensagem que se quer expressar e, na melhor das hipóteses, permite torná-las autoras, conosco. Do projeto em andamento. Temos, portanto, necessidade de **ideias novas para fotografar, entre foto de surpresa e foto dirigida**.

Por que não aproveitar a ocasião preciosa de ensinar aos adolescentes e aos jovens a fotografar com a finalidade de transmitir, com o ensino dos vários elementos que fazem de uma foto, uma foto-diálogo, alguns conceitos formativos? Então, voltemos todos **à escola da imagem**. Concluindo, alcancemos pastoralmente muitas pessoas por meio da boa prática do “relato fotográfico”, que se presta a fazer os adolescentes e os jovens dialogar sobre ideias em torno das quais construir, com os seus próprios disparos, verdadeiras “narrativas” formativas. Demos espaço, então, ao **ensinar a relatar com as fotografias, para treinamento**.

■ **Dialogar com os sujeitos fotografados...**

Os sujeitos mais gratificantes e, ao mesmo tempo, mais difíceis a serem fotografados, são as pessoas. A dificuldade não é técnica, ou referente à objetiva a ser escolhida, mas comunicativa, isto é, referente à expressão verdadeira da personalidade do sujeito e do seu contexto. Um bom retrato colhe a expressão característica que tipifica uma personalidade e faz isso por meio de um preciso primeiro plano e a correta iluminação; uma boa foto pode mostrar também a paixão que a pessoa fotografada põe naquilo que faz, quando é vista em ação e são vistas no fundo, as ferramentas da sua profissão. São três as abordagens-base na fotografia das pessoas:

- totalmente conscientes
- semi-conscientes
- não-conscientes

No primeiro caso o sujeito a ser fotografado coopera com o fotógrafo que tem o total controle da situação quando estabelece um diálogo espontâneo e sincero com o sujeito. No segundo caso o sujeito sabe que o fotógrafo está presente, mas está absorto em alguma outra coisa e não está seguro do momento preciso, na qual a foto será disparada. No último caso o sujeito não sabe que está sendo fotografado.

A *primeira aproximação-base* nos interessa. Se a foto for disparada no ângulo-estúdio, falamos enquanto preparamos os equipamentos; se a foto, em vez, for disparada ao aberto, falamos enquanto nos colocamos no ponto escolhido. Os olhos são o foco natural da atenção. Um retrato muda muito quando capturamos o olhar que “olha” para a objetiva. Se o retrato for de grupo, são necessárias as astúcias para encontrar soluções. Devem ser exploradas diversas angulações antes de disparar a foto. Se nos colocamos a uma certa altura, obtemos maior profundidade e colhemos uma bela composição do grupo e de pessoas, e conseguimos ver todos os rostos.

Enquanto dialogamos sobre os gostos, sobre os *hobby*, sobre as leituras preferidas, observemos os elementos fortemente fotogênicos do nosso sujeito. Perguntemos como captar melhor a sua personalidade. É bom que a iluminação seja homogênea, aproveitando a luz que provém de uma janela. Aproximemo-nos o mais possível do sujeito de modo que o horizonte não dê aborrecimento. Perguntemo-nos quais qualidades emanam imediatamente do sujeito que temos à nossa frente. O que queremos dizer colhendo-as? Como o queremos dizer?

Lembre-mo-nos de que estamos fotografando seres humanos que vivem, pensam e sentem. Esperemos com paciências que, tudo quanto nos comunicam deixe transparecer as suas emoções. Acompanhando a narrativa emergirão surpresa, alegria, saudade. As melhores fotos são aquelas que causam emoções. Pensemos na foto de uma mãe com o filhinhos nos braços.

Façamos sorrir o nosso sujeito, com os nossos comentários, ou o façamos refletir se o queremos pensativo. Vejamos as fotos

realizadas por grandes fotógrafos, como Steve Curry (*A jovem afegã*) e Dorothea Lange (*The Migrant Mother*).

Quando utilizamos a máquina fotográfica para dialogar com quem está à nossa frente, o discurso iniciado poderá continuar com quem olhará depois a foto realizada?

■...para que nasça diálogo entre a fotografia e quem a vê

O que há dentro de uma foto? O exemplo acima citado, *The Migrant Mother*, diz que quem fotografa “fixa” não apenas um momento da realidade de uma pessoa, mas fixa a pessoa, naquele momento histórico. Fazendo isto, quem fotografa fornece material para o diálogo, ao seu público. Olhemos então, juntamente com os nossos jovens, a famosa foto disparada no passado, precisamente em 1936. **Lange** foi atraída pela mãe como por um imã, e soube colher as rugas do seu rosto, sinal de saudade e de preocupação. Nos olhos, mesmo desesperados, existe uma pequena luz de esperança porque os três filhos, dois dos quais estão com o rosto ‘enterrado’ nos ombros da mãe, agarrados ao seu redor, são a sua força. E o contexto? A foto foi disparada num período marcado pelo declínio econômico e torna-se o emblema do desespero do povo de então. E hoje? Quem é **The Migrant Mother**? A história dos migrantes não acaba, como não acaba o seu desespero. Tomemos outras fotos, dos migrantes de hoje, e continuemos a dialogar com os nossos jovens. Diálogo após diálogo e fotografia após fotografia cresce a sua atenção, aprendem a concentrar-se e o seu coração a despertar-se.

Para aprofundar

- Meyer T., G. Rand, *O retrato fotográfico. O equipamento, a luz, o fundo, a composição*, Apogeo, Milão 2016.
- Jenkison M., *Curso de fotografia: o retrato*, O Castello, Milão 2012
- Freeman M., *Photo school. Retrato*, Logos, Modena 2013.

A voz das coisas

Minhas caríssimas, entre os mil pensamentos que preenchem a minha mente neste início de ano, encontra lugar – com sempre maior frequência – o protesto que se levanta a partir das coisas. Sim, minhas caras, ouvistes muito bem! Eu quero dizer que, precisamente as coisas, os objetos de nossa vida cotidiana, fazem avançar as suas queixas pelo descuido de muitas de nós. E não me digais que sou exagerada, porque vos asseguro que o escutei com meus ouvidos! Dizem que, como somos tomadas pelo cuidado dos jovens, nos esquecemos de que, também elas, as coisas, também existem e que um pouco mais de atenção para com elas nos ajudaria a ser mais acolhedoras com as pessoas.

Minhas queridas, eu entendo o vosso ceticismo, porém já menti alguma vez para vós?

Podem acreditar em mim, pois, a verdade é esta: depois do período das atenções exageradas, passamos – referindo-me aos utensílios e adornos que usamos constantemente – para o mais elegante descuido. Não são esquecimentos graves, certamente, mas minúsculas constantes desatenções que dizem muito sobre o quando sentimos “nossos” estes pequenos colaboradores que a providência coloca diariamente em nossas mãos!

Reclamações, eu lhes asseguro, recebi muitas: a respeito de uma velha maçaneta desgastada pelo tempo, que pede apenas algumas gotas de óleo em suas engrenagens cansadas; de um

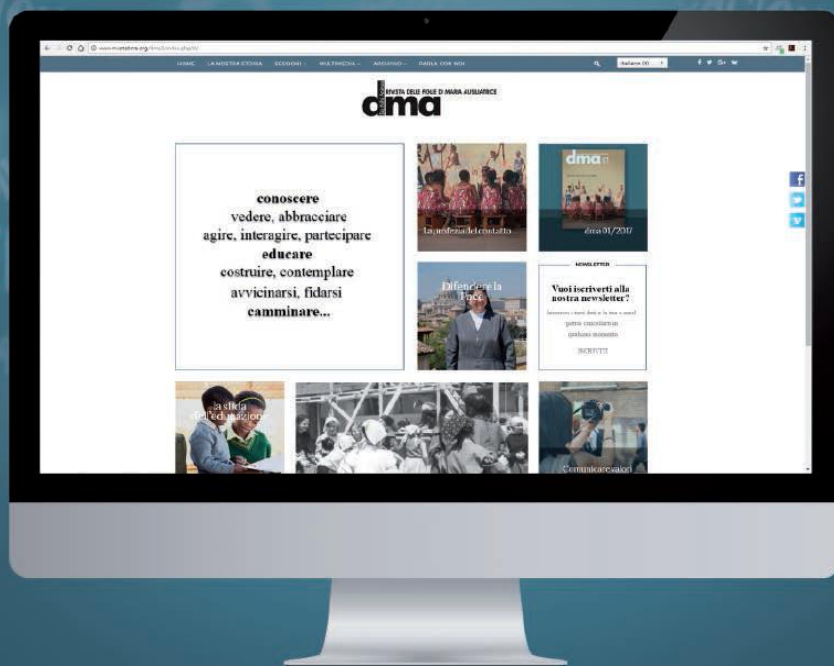
pequeno pátio atrás da casa, que fica sufocado sob um manto de folhas secas que ninguém tem o cuidado de recolher; de uma pia com as torneiras soltas, condenadas a um insistente gotejamento, ignorado por quem passa por perto apressadamente; de uma vassoura destinada a trabalhos comuns, que raramente volta para o armário onde deveria ser guardada, e que permanece abandonada por dias nos ângulos mais afastados da casa...

Parece-me ouvir as suas objeções: as coisas a serem feitas são tantas que não se pode confundir com estas tolices e, quando tiver que escolher entre a torneira que goteja e a criança que chora, bem, é lógico deixar os objetos e dedicar-se às pessoas. É verdade, amigas, e dificilmente contestável; mas quando passamos ao lado das coisas, também as mais pequeninas, pensemos que elas nos olham mesmo se nenhuma pessoa nos vê e, talvez, reclamem um pouco de atenção. O seu raciocínio não é muito refinado, mas cita fontes importantes que sustentam a sua teoria – Quem é fiel no pouco, é fiel também no muito; e quem é desonesto no pouco, é desonesto também no muito – eu as ouvi sussurrar precisamente ontem.

E falei comigo mesma: Camilla, são simples objetos, mas não têm toda a culpa! Como podemos perceber os jovens fechados nos seus silêncios, se o silêncio das coisas não despertam o nosso interesse? Não poderíamos ao menos usá-las para treinar-nos à escuta e à atenção?

Palavra de C.

28 · 05 · 2017



A Revista **da mihi animas** será em breve online em sua versão digital.

Leitura, aprofundamento, filmes, entrevistas e a possibilidade de contribuir e enriquecer o diálogo com novas reflexões.

Em breve online te esperamos!



O código QR (Quick Response), aqui ao lado, te permitirá fornecer ao teu dispositivo móvel (smartphone ou tablet), diversas informações simplesmente enquadrando-o com a fotocâmara do teu dispositivo. Scarica l'App gratuita, inquadra e potrai condividere con noi molti contenuti extra.

www.rivistadma.org

*“A chave de um homem encontra-se nos
outros: é o contato com o próximo que nos ilumina
sobre nós mesmos”
(Paul Claudel)*

Tradução: Ir. Maria Aparecida Nunes fma
Revisão: Ir. Maria Gazzetto
Inspetoria S.Catarina de Sena
São Paulo - Brasil